

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

BRUNA LUIZA VERAS CAZELATO

**TRADUÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE *POST-TRUTH: THE NEW  
WAR ON TRUTH AND HOW TO FIGHT BACK*, DE MATTHEW D'ANCONA**

BRASÍLIA – DF  
2018

BRUNA LUIZA VERAS CAZELATO

**TRADUÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE *POST-TRUTH: THE NEW  
WAR ON TRUTH AND HOW TO FIGHT BACK*, DE MATTHEW D'ANCONA**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução (Inglês), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Pereira Barcellos, da Universidade de Brasília (UnB).

BRASÍLIA – DF

2018

Bruna Luiza Veras Cazelato

**TRADUÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE *POST-TRUTH: THE NEW WAR ON TRUTH AND HOW TO FIGHT BACK*, DE MATTHEW D'ANCONA**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução (Inglês), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Pereira Barcellos, da Universidade de Brasília (UnB).

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof.a. Dr.<sup>a</sup> Carolina Pereira Barcellos

Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras

2º examinador: \_\_\_\_\_

Prof.a. Ms. Angélica Araújo

Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras

3º examinador: \_\_\_\_\_

Prof.a. Dr.<sup>a</sup> Kyoko Sekino

Universidade de Brasília - UnB

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras

Brasília, 06 de julho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora por se prontificar a me orientar e me auxiliar em todos os passos desse caminho árduo que é projeto final do curso.

À minha família que me aguentou nesses quatro meses de reclamações e estresses e teve paciência para todos os dias de trabalho que eu faltei.

Ao meu namorado que estava sempre disponível para quando eu precisava conversar e me animar em dias mais sombrios.

A todos os professores que estiveram presentes em minha graduação e me passaram todos os conhecimentos necessários para eu chegar até aqui.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apresentar a tradução dos dois primeiros capítulos do livro *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back*, de Matthew D'ancona. O tema central do livro, a pós-verdade, está relacionado de maneira bem próxima a política na atualidade. Por esse motivo, a reflexão sobre ideologia na tradução é importante para identificar possíveis distorções ou manipulações usadas no texto traduzido. Essa reflexão obedeceu duas instâncias: a primeira, em relação à proposta de tradução apresentada neste trabalho e a segunda, em relação ao texto traduzido publicado em 2018. À vista disso, serão tomados como base teórica pesquisas sobre ideologia na tradução, sobre a presença discursiva do tradutor e sobre a criatividade no uso da linguagem para dar suporte a análise dos textos traduzidos.

**Palavras-chave:** *Tradução de não-ficção; pós-verdade; ideologia.*

## ABSTRACT

This translation project aims to present the translation of the first and the second chapter of the book *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back*, by Matthew D'ancona. The main subject of the book, post-truth, is closely related to politics today. Therefore, the investigation about ideology in translation is relevant to identify possible distortions or manipulations in the language used in the translated text. This investigation obeyed two instances: the first, related to the translation presented in this work, and the second, related to the translation published in 2018. For that reason, different works on ideology and translation, discursive presence of the translator and creativity in the use of language will be the theoretical base of this project to support the analysis of the translations.

**Palavras-chave:** *Non-fiction translation; post-truth; ideology.*

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1:.....	18
----------------	----

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1: exemplo de processo comportamental.....	27
Quadro 2: exemplo de processo relacional.....	27
Quadro 3: exemplo de processo existencial.....	28
Quadro 4: exemplo de processo verbalização.....	28
Quadro 5: exemplo de explicitação de conteúdo.....	29
Quadro 6: exemplo de explicitação de adjetivo.....	30
Quadro 7: exemplo de explicitação em tradução de provérbio.....	31
Quadro 8: exemplo de criatividade em tradução de expressões idiomáticas.....	31
Quadro 9: exemplo de mudança na realização de significado na tradução.....	32
Quadro 10: exemplo 1 de explicitação na tradução de colocações.....	32
Quadro 11: exemplo 2 de explicitação na tradução de colocações.....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	12
1.1 Conceitos de ideologia.....	12
1.2 Ideologia e tradução.....	14
1.3 Ponto de vista e presença discursiva do tradutor.....	17
1.3.1 Ponto de vista.....	17
1.3.1.1 Ponto de vista no plano ideológico.....	17
1.3.2 Presença discursiva do tradutor.....	18
1.3.3 Estilo da tradução.....	19
1.3.4 Transitividade .....	20
1.4 Criatividade e convencionalidade no uso da linguagem.....	22
<b>CAPÍTULO 2: ANÁLISE DA TRADUÇÃO</b> .....	24
2.1 O livro escolhido: <i>Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back</i> e suas publicações.....	24
2.2 Relato da tradução.....	25
2.2.1 Ideologia na tradução.....	26
2.2.2 Presença discursiva do tradutor.....	29
2.2.3 Criatividade no uso da linguagem na tradução.....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	36
<b>ANEXOS</b> .....	38
ANEXO A: Tradução alinhada com o textofonte: Capítulo 1.....	38
ANEXO B: Tradução alinhada com o textofonte: Capítulo 2.....	75



## INTRODUÇÃO

Em 2016 o dicionário *Oxford* escolheu pós-verdade como sua palavra do ano por conta da vitória de Trump e da aprovação do BREXIT<sup>1</sup>. A pós-verdade, de acordo com sua definição, caracteriza-se pela resposta emocional do público a certas notícias, sem importar se são verdadeiras ou mentirosas.

No Brasil, o cenário político é propício à propagação da pós-verdade. Um dos casos mais recentes foi a morte da vereadora Marielle Franco. De acordo com o site Monitor<sup>2</sup> do debate político no meio digital, as notícias sobre a morte da vereadora começaram a circular apenas uma hora depois de sua morte pelo aplicativo de comunicação *Whatsapp*.

Nem mesmo pessoas do alto escalão do governo não estão imunes à pós-verdade: uma desembargadora postou várias acusações, todas mais tarde desmascaradas, em comentários no *Facebook* sobre Marielle<sup>3</sup>. A desembargadora Marília Castro afirmou que a vereadora “estava envolvida com bandidos”, “engravidou aos 16 anos” e “foi eleita pelo Comando Vermelho”. Mais tarde, tudo foi desmascarado.

A revista *Veja*, em maio de 2018, fez um evento sobre *fake-news* (notícias falsas, em tradução livre) e entrevistou várias figuras políticas importantes no Brasil. Luiz Fux, ministro do STF e presidente do TSE, em sua entrevista afirmou que o problema das *fake-news* é muito sério e, caso comprovado seu uso durante uma eleição, pode levar até ao extremo das votações serem anuladas<sup>4</sup>.

O tema do livro escolhido para este projeto de tradução é a relação entre pós-verdade e política, mas essa não é a única área afetada pela pós-verdade e pelas *fake-news*. O infectologista David Uip, Secretário de Saúde de 2013 até 2018, também em entrevista para a revista *Veja*, comenta sobre esse assunto<sup>5</sup>. De acordo com ele, o problema das *fake-news* relacionadas às vacinas é um problema de saúde pública. Uip discorre principalmente sobre a campanha de vacinação da febre amarela. De acordo com o pesquisador, o eco emocional do

---

<sup>1</sup> BREXIT: Saída do Reino Unido da União Europeia. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638\\_931299.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html) <Acesso em: 20/06/2018>

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.monitordigital.org/> <Acesso em: 20/06/2018>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/desembargadora-do-rj-que-postou-mentiras-sobre-marielle-e-ofensas-a-professora-e-deputado-pede-desculpas-em-carta.ghtml> <Acesso em: 30/05/2018>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/luiz-fux-eleicoes-podem-ser-anuladas-por-cao-de-fake-news/> <Acesso em 30/05/2018>

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=27&v=e57yPn6bzQE](https://www.youtube.com/watch?time_continue=27&v=e57yPn6bzQE) <Acesso em: 30/05/2018>

público é resumido de duas maneiras: ou há a esperança ou há a morte. Aqueles que acreditam na morte pela vacina por conta das *fake-news* e teorias da conspiração decidem não tomar a vacina e criam um problema para a saúde pública. Problema causado pelas epidemias que antes controladas, podem ressurgir por conta de pessoas não humanizadas. A expectativa na última campanha de vacinação contra a febre amarela do governo em 2018, de acordo com Uip, era de vacinar um número três vezes maior de pessoas. Isso mostra como as *fake-news* e a pós-verdade podem atrapalhar uma campanha importante do governo.

Já é um fato comprovado que a vacinação é o método mais eficaz para a prevenção da doença. Apesar disso, rumores começaram a circular na web de maneira rápida e os resultados vieram mais rápido ainda: a desinformação fez com que pessoas matassem macacos por acreditar em rumores que afirmavam que os animais eram os culpados pela disseminação da febre amarela<sup>6</sup>.

Dessa forma, o presente trabalho, em sintonia com discussões atuais e de fundamental importância social, pretendeu fornecer uma tradução inédita dos dois primeiros capítulos do livro *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back*. Porém, em maio de 2018, a editora Faro publicou o texto traduzido com o título de Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake-news*. Como o trabalho se propôs a refletir sobre ideologia na tradução e como as escolhas tradutórias podem afetar a realização de significados no texto traduzido, vimos com essa tradução uma oportunidade para ampliar a nossa análise. Este trabalho oferece, assim, uma análise de escolhas tradutórias específicas a partir de considerações sobre ideologia na tradução e criatividade no uso da linguagem.

Este trabalho está organizado, além desta introdução, em dois capítulos. No primeiro capítulo, serão apresentados conceitos de ideologia de acordo com Sell (2006), Eagleton (1997), Thompson (2011) e Simpson ([1993] 2004). Também falaremos sobre ideologia na tradução, ponto de vista, o método da transitividade e criatividade no uso da linguagem. Tomaremos como base os estudos de Maria Tymoczko (2003 e 2009) e Jeremy Munday (2008a e 2008b) ao analisar ideologia na tradução. Ao falar sobre ponto de vista, serão apresentados os trabalhos de Simpson ([1993] 2004) e em relação a criatividade no uso da linguagem, serão apresentados os trabalhos de Barcellos (2011 e 2016). O segundo capítulo apresentará o projeto de tradução. Nele, será apresentado o relato de tradução e exemplos dos pressupostos teóricos apresentados

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/01/macacos-sao-vitimas-da-falta-de-informacao-sobre-febre-amarela.html> <Acesso em: 30/05/2018>

no primeiro capítulo. Por fim, serão apresentadas as conclusões deste trabalho nas considerações finais.

## CAPÍTULO 1

### Revisão de literatura

Neste capítulo será apresentado um panorama sobre o que é ideologia. Em seguida, fundamentaremos nosso ato tradutório com trabalhos que apresentam estudos de ideologia especificamente no âmbito da tradução. Por último, para dar suporte às nossas análises dos exemplos selecionados a partir do ato tradutório e da tradução publicada, serão expostos trabalhos sobre ponto de vista e uso criativo da linguagem.

#### 1.1 Conceitos de ideologia

O livro *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back* é um livro de não-ficção que tem como tema a pós-verdade. Como a pós-verdade, principalmente nos tempos atuais, está ligada a política, os assuntos mais abordados pelo autor são as eleições de Trump e o BREXIT. Tem-se, então um viés ideológico por parte do autor: um jornalista e comentarista político britânico.

No entanto, antes de falar sobre ideologia no livro e na tradução, é importante entender o conceito de ideologia apresentado por autores que escrevem sobre política. Sell (2006) discorre sobre os vários significados de ideologia. De acordo com Sell (2006), a atividade política está relacionada a certos valores e princípios compartilhados por indivíduos, grupos ou organizações sociais. Quando esses princípios e valores estão voltados para a sociedade, são chamados de “ideologias políticas” (Sell, 2006, p. 51). Sell (2006) divide ideologia com um sentido negativo e um sentido positivo.

O principal autor sobre ideologia no sentido negativo é Karl Marx (1818-1883 *apud* Sell, 2006). Marx considera ideologia como um instrumento. Esse instrumento é usado para a perpetuação e legitimação do poder. Ou seja, é utilizado por aqueles já no poder para a manipulação das massas com o objetivo de permanecer no poder. Marx considera ideologias como um conjunto de representações falsas usadas para difundir os interesses da classe dominante (Sell, 2006, p. 52). Esse conceito de ideologia pode ser interpretado de duas maneiras: de maneira instrumentalista ou sistêmica. Na interpretação instrumentalista, ideologias “são visões de mundo e representações da realidade feitas por classes dominantes para legitimar seu domínio e mascarar os reais fundamentos da sociedade” (Sell, 2006, p. 52).

Na interpretação sistêmica, a ideologia é uma “ilusão socialmente necessária”. Ela é fruto do sistema social e não aparece de forma óbvia para os atores sociais.

Para falar sobre o sentido positivo de ideologia, Sell (2006) usa a definição de Norberto Bobbio (1995), presente no *Dicionário de Política*. De acordo com Bobbio, a ideologia no sentido positivo “designa o *genus*, ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de ideias e valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (Bobbio, 1995 apud Sell, 2006 p. 52).

Há vários tipos de ideologias. Entre elas podemos citar anarquismo, absolutismo, liberalismo, socialismo, comunismo, socialdemocracia, nacionalismo, nazismo, fascismo, entre outras. No entanto, é importante mencionar o que o autor chama de “crise das ideologias”. Esse fenômeno vem ocorrendo a partir da década de 1960-70 (Sell, 2006, p. 76). Vários autores identificaram essa crise. Sell (2006) menciona alguns deles: Raymond Aaron, Edward Shils, Daniel Bell e Seymour Martin Lipset. O que esses autores perceberam “é que a separação entre esquerda e direita vinha se tornando cada vez mais irrelevante para o comportamento político dos cidadãos ocidentais e que, cada vez mais, os critérios culturais ou ainda pessoais é que guiavam os eleitores em suas escolhas políticas” (Sell, 2006, p.76). Há autores que se contrapõem a essa tese, como Norberto Bobbio. Bobbio (1994 apud Sell, 2006) defende que a percepção de direita e esquerda ainda é válida. No entanto, de acordo com Sell (2006), estamos presenciando um enfraquecimento nos ideais políticos por dois motivos: excesso e carência. Por excesso o autor se refere a valores já consolidados no mundo ocidental, como a liberdade e a igualdade. E por carência, o autor se refere aos problemas de organização coletiva que não podem ser respondidos no quadro das ideologias tradicionais.

Eagleton (1997) considera o conceito de ideologia de John B. Thompson (1984) como o mais aceito. Para Thompson (1984), estudar ideologia é o mesmo que estudar “os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação.” (Thompson, 1984 apud. Eagleton, 1997). Há problemas com essa noção de ideologia, como Eagleton (1997) coloca em seguida: nem todo conjunto de crenças que são ideológicas estão ligadas ao poder político dominante e há também uma necessidade de uma definição mais ampla para ideologia - algo que seja uma interseção entre sistemas de crenças e poder político. O cuidado para o termo não ser amplo demais também é necessário. Afinal, se tudo é ideologia, o termo não existirá mais.

Para Eagleton (1997), a ideologia é uma questão de discurso e não de linguagem. Ou seja, ele considera como ideologia os usos efetivos da linguagem entre sujeitos para que efeitos específicos ocorram (Eagleton, 1997, p. 22). Ideologia está ligada principalmente a quem está falando o quê, para quem e com qual finalidade. Um mesmo fragmento da linguagem pode ser considerado ideológico em um contexto e em outro não.

Um aspecto importante sobre ideologia colocado por Eagleton (1997) é a necessidade de ideologias terem uma conexão com a realidade social. As ideologias dominantes podem ser exatamente as necessidades e os desejos daqueles a quem elas submetem, de acordo com Jon Elster (1982). No entanto, devem ser reais, devem comprometer-se com ideias já existentes. Não podem ser ideias fabricadas que não estão ligadas a realidade. Como Eagleton afirma, não podem ser apenas ilusões impostas. Mesmo inconsistentes, ideologias devem mostrar uma versão da realidade social que seja real e reconhecível.

Simpson (1993) defende que a motivação para uma análise linguística crítica da língua pode ser definida pelas ideologias dominantes que operam como um mecanismo para manter relações assimétricas de poder na sociedade. Como a língua pode ser usada por grupos poderosos para reforçar essa ideologia, a língua deve ser um dos pontos de combate contra isso.

Há, de acordo com Simpson (1993), outros problemas entre ideologia e língua. Um deles é a maneira como as ideologias dominantes estão misturadas com o discurso do dia-a-dia e acabam se tornando apenas “bom-senso” sobre como as coisas deveriam ser. O que o Simpson chama de processo de *naturalização* acontece. Com esse processo, as pessoas deixam de ter consciência das hierarquias e sistemas que moldam suas interações sociais.

Outro problema é a aparente “universalidade<sup>7</sup>” da ideologia. Nenhuma língua pode ser considerada verdadeiramente neutra, objetiva e sem valores, de acordo com Simpson. Desse modo, será apresentado, na próxima seção, a relação entre ideologia e tradução.

## 1.2 Ideologia e tradução

De acordo com Maria Tymoczko (2003), *traducere* é o mesmo que transportar. Ou seja, os tradutores são ferramentas, pontes. Essa mediação, a tradução, acaba se tornando o

---

<sup>7</sup> Tradução minha para *pervasiveness*.

mesmo que cruzar uma ponte. O tradutor então, no meio da ponte, faz seu trabalho no que a autora chama de espaço “*In Between*”. Nesse espaço entre duas línguas, o tradutor deixa de fazer parte de sua própria cultura e é apenas uma ferramenta de mediação. Dessa forma, tradutor consegue transportar o texto fonte de maneira fiel para a língua de chegada.

Há um problema, no entanto, com essa visão de tradução. O tradutor, ao fazer seu trabalho, não deixa de ser parte da sua própria cultura. Vários outros campos de estudos, como a antropologia, por exemplo, reconhecem a importância que a própria cultura do pesquisador tem. O pesquisador nunca estará em um espaço neutro e livre entre duas culturas. O esperado, em outros campos de estudos, é que o pesquisador reconheça e especifique seu sistema cultural ao conduzir uma pesquisa. De acordo com Tymoczko, é só reconhecendo essa posição que o pesquisador está inserido que ele vai conseguir entender as circunstâncias e pressupostos da pesquisa que está fazendo.

Línguas são parte de sistemas culturais e ideológicos. Logo, o tradutor não troca de cultura na hora de traduzir. Ele acaba fazendo parte de duas culturas e entra em um sistema formal que engloba as duas línguas. Ao falar sobre ideologia e tradução, é preciso considerar o tradutor como parte de um sistema. Traduzir textos de outro sistema linguístico não faz com que o tradutor saia de sua própria cultura e deixe de lado suas ideologias.

A tradução pode e deve ser usada para informar e disseminar conhecimento. Caso o tradutor não faça uma reflexão sobre conflitos contemporâneos e suas posições éticas e ideológicas, nessa era de globalização, a tradução se tornará apenas um instrumento de dominação e hegemonia (Tymoczko, 2009). A tradução pode se tornar um meio importante para engajamento e mudanças sociais e isso, por ser uma ação política, requer afiliação e ações coletivas. Consequentemente, a tradução tem o importante papel ideológico de fornecer informações. O objeto de estudo desse projeto, no contexto brasileiro de eleições e *fake-news* sendo cada vez mais disseminadas, é um assunto que deve alcançar o máximo de pessoas possível e a tradução é um dos meios para isso ser feito.

A *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, publicada em 2009, editada por Mona Baker e Gabriela Saldanha conta com a contribuição de Peter Fawcett e Jeremy Munday em sua entrada sobre ideologia. O primeiro aspecto relevante para estudar ideologia em qualquer disciplina, de acordo com Fawcett e Munday (2009), é o problema da definição e do escopo do termo, como visto anteriormente com os autores que falam sobre ideologias políticas. Fawcett e Munday (2009) trazem também um brevíssimo histórico, passando por Marx e quais os

impactos que a ideologia em sua forma negativa tiveram para a maneira como ideologia é estudada.

A primeira definição de ideologia relacionada a tradução apresentada por eles é a de Simpson (1993 apud Fawcett e Munday, 2009). Simpson (1993) usa o termo “*worldview*” (visão de mundo, em tradução livre) em sua definição de ideologia. Simpson (1993), de acordo com Fawcett e Munday (2009), define ideologia como afirmações nas quais todos acreditam, crenças e valores compartilhados por grupos sociais. Essas crenças e afirmações são mediadas por instituições poderosas. Hatim e Mason (1997 apud Fawcett e Munday, 2009) usam a mesma definição de ideologia para discutir a mediação ideológica na tradução.

Os autores apresentam também a definição de Lefevere (1998 apud Fawcett e Munday, 2009). Lefevere (1998) tem a sua própria terminologia e definição para ideologia. Para ele, ideologia é “uma rede conceitual que consiste de opiniões e atitudes consideradas aceitáveis em certa sociedade em certo período pelos quais leitores e tradutores consideram textos<sup>8</sup>” (Lefevere, 1998 apud Fawcett e Munday, 2009 p. 137).

Munday (2008a) considera ideologia como uma visão de mundo inconsciente e universal<sup>9</sup>. Ele apresenta também a teoria multidisciplinar de Teun van Djick, (1998 apud Munday 2008a) que associa cognição, sociedade e discurso aos estudos da ideologia e tradução. Essa definição aceita uma visão cognitiva e a influência consciente e inconsciente de ideologias. Assim, as escolhas lexicais de um indivíduo são influenciadas por suas crenças compartilhadas e por seu histórico social e educacional.

Munday (2008a) apresenta uma análise de ideologia e tradução com obras traduzidas para o inglês. O autor estuda traduções que apontam a relação entre estilo e ideologia em textos em espanhol e português traduzidos para o inglês. Ao refletir sobre as traduções de Harriet de Onís, tradutora pioneira de obras para o inglês no meio do século XX, Munday analisa aspectos específicos da língua inglesa. A partir deste trabalho, ele chega à conclusão que os estilos de um tradutor podem refletir uma ideologia oculta.

Munday (2008b) também analisa a presença discursiva, voz e estilo na tradução<sup>10</sup>. Um ponto crucial que o autor aponta é a presença de julgamentos que um autor apresenta em sua

---

<sup>8</sup> Tradução minha para “*the conceptual grid that consists of opinions and attitudes deemed acceptable in a certain society at a certain time and through which readers and translators approach texts*”.

<sup>9</sup> Tradução minha para *pervasive*.

<sup>10</sup> Tradução minha para *discursive presence, voice, and style*.



obra. Como há a presença desses julgamentos em textos originais, a tradução também terá julgamentos do tradutor. Os elementos que apresentam esses julgamentos são os seguintes: a história, o texto e a narração. De acordo com Rimmon-Kenan (2002 apud Munday 2008b), desses elementos, apenas o texto é visível. No texto, a voz do autor é uma “presença manipuladora” (Booth 1961 apud Munday 2008b) e isso se reflete no texto traduzido pela presença discursiva do tradutor (Hermans, 2006 apud Munday, 2008b). Analisaremos, à vista disso, ponto de vista e a presença discursiva do tradutor na próxima seção.

### **1.3 Ponto de vista e presença discursiva do tradutor**

Serão apresentados, nessa seção, teorias sobre ponto de vista e, mais especificamente, sobre ponto de vista no plano ideológico. Em seguida, serão apresentados trabalhos sobre a presença discursiva do tradutor.

#### **1.3.1 Ponto de vista**

De acordo com Simpson (1993), quando falamos sobre narrativas de ficção, o ponto de vista geralmente se refere a perspectiva psicológica pela qual uma história é contada. Pode ser em primeira ou terceira pessoa com um narrador observador ou onisciente. O ponto de vista geralmente é a posição básica de visão adotada em uma história. Esse ponto de vista é a essência do estilo da história e o que acrescenta cor e sentimentos para uma história (Simpson, 1993).

. Simpson (1993) afirma que ao desenvolver certo estilo, quem está produzindo o texto faz certas escolhas. Essas escolhas podem privilegiar certas maneiras de se ver realidades, enquanto outras escolhas podem suprimir ou minimizar essas mesmas realidades. Veremos como isso acontece no plano ideológico, na próxima subseção.

##### **1.3.1.1 Ponto de vista no plano ideológico**

De acordo com Simpson (2004), o domínio da ideologia é tão extenso que é difícil alinhar técnicas narrativas tais como ponto de vista com um conceito tão amplo quanto ideologia. Por fim, de acordo com o autor:

Resumindo, o conceito de ponto de vista ideológico, apesar de ser uma ferramenta de análise tentadora, precisa ser tratado com cuidado porque é simplesmente vasto demais para ter muito poder explicativo. Um bom estudo de uma categoria totalmente funcional de ponto de vista ideológico ainda precisa ser feito.<sup>11</sup> (Simpson, 2004, p.78)

### 1.3.2 Presença discursiva do tradutor

Antes de começar a análise de como a presença discursiva do tradutor se apresenta no texto, é importante entender a relação entre o tradutor e o autor. Barcellos (2011) apresenta o modelo narratológico de Schiavi (1996). Para Schiavi (1996), outras entidades fazem parte do texto além do autor e do tradutor e afetam a estrutura de um texto assim como a realização de significados do texto-fonte no texto traduzido. De acordo com Schiavi (1996), a voz de tradutor geralmente é desconsiderada. À vista disso, a autora sugere um novo diagrama para a relação entre autor e tradutor. De acordo com Barcellos (2011), Schiavi partiu do diagrama Chatman (1990) e apresenta o seguinte quadro:

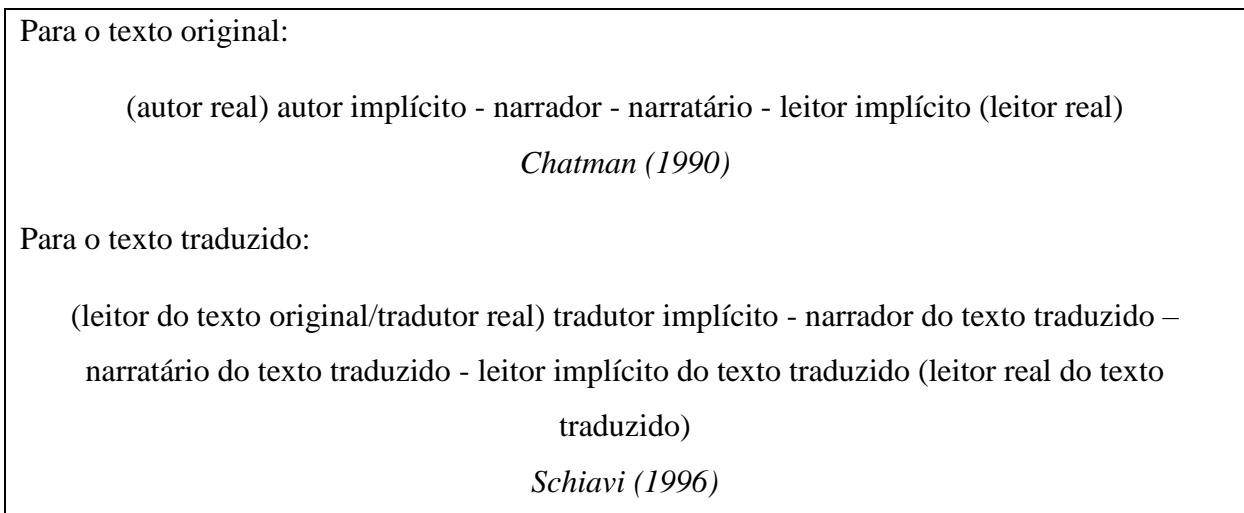


FIGURA 1 - Diagramas de Chatman (1990) e Schiavi (1996) apud Barcellos (2011) p. 32

<sup>11</sup> Tradução minha para: *In sum, the concept of ideological point of view, if tempting as an analytic tool, needs to be treated with some caution because it is simply too wide to have much explanatory power. A good case for a fully workable category of ideological point of view remains to be made*

É possível verificar na Figura 1 a presença de mais etapas no diagrama de Schiavi (1996). Barcellos (2011) aponta a introdução da figura do tradutor por Schiavi (1996). O tradutor, no diagrama de Schiavi (1996), se torna o primeiro leitor real. É possível ver, à vista disso, que o leitor do texto traduzido está no final desse segundo diagrama que começa pelo tradutor. Esse leitor, então, se torna o segundo leitor nesse contínuo.

De acordo com Schiavi (1996 apud Munday 2008b), o leitor de uma tradução receberá uma mensagem dividida a partir de dois remetentes diferentes: o autor, que será mediado pelo tradutor, e o tradutor. Para Munday (2008b), entender a questão da mediação do tradutor é algo crítico para uma análise linguística de estilo e também para qualquer sugestão de manipulação e distorção na tradução. A tradução é uma mistura do texto original e do texto traduzido que é o resultado das decisões conscientes e inconscientes do tradutor. Munday (2008b) busca padrões repetidos para investigar o estilo na tradução e como esse estilo pode afetar a voz do autor do texto fonte. Será apresentado o conceito de estilo da tradução na próxima seção.

### **1.3.3 Estilo da tradução**

Barcellos (2011) utiliza o conceito de Leech e Short ([1981] 2007) para a investigação de estilo da tradução. De acordo com os autores, estilo “se refere à forma como a língua é utilizada em determinado contexto, por determinada pessoa, para determinado propósito etc” (Barcellos, 2011, p. 33).

Os estudos de Leech e Short ([1981] 2007) corroboram a afirmação de Baker (2000 apud Barcellos, 2011) de que a tradução é uma atividade criativa. Ao investigar a tradução como atividade criativa, é importante estudar a questão do estilo da tradução.

Barcellos (2016) aponta que no contexto do estilo da tradução, “o estilo de um tradutor em particular está relacionado a determinado conjunto de escolhas linguísticas feitas por ele em um texto, a partir de um conjunto maior de opções oferecidas pelo sistema linguístico” (Barcellos, 2016, p. 35).

Há duas maneiras distintas de entender o termo “escolha”: as escolhas inconscientes ou escolhas deliberadas. Barcellos (2016) aponta que no âmbito da estilística literária, as pesquisas investigam escolhas conscientes do escritor. Em contrapartida, nos estudos da tradução, Baker (2000 apud Barcellos, 2016) propõe o estudo das escolhas inconscientes ou

automáticas e tem o objetivo de investigar escolhas que não fazem parte do controle consciente do tradutor.

Baker (1999 apud Barcellos, 2016), a partir dos estudos de *corpora*, explica que há indícios de que tradutores prefiram padrões típicos da língua para a qual traduzem. Barcellos (2016) aponta ainda que Baker (1999) considera essencial o estudo das escolhas criativas de tradutores nos textos traduzidos.

Na próxima seção, será apresentado o modelo proposto por Simpson ([1993] 2004) para a análise crítica de textos.

#### 1.3.4 Transitividade

Simpson (2004), a partir do arcabouço da Linguística Sistêmico-Funcional, trabalho apresentado por Halliday (1994 apud Simpson 2004), afirma que há várias maneiras de representar os eventos que constituem nossa “visão mental de realidade<sup>12</sup>”. As escolhas feitas para representar a realidade são compostas por motivações e têm um efeito na maneira na qual os textos são estruturados e interpretados. Para representar essas escolhas, Simpson ([1993] 2004) apresenta o sistema que ele chama de transitividade<sup>13</sup>. De acordo com Simpson (1993), os estudos da transitividade fornecem um modelo que possibilita investigar a maneira pela qual um leitor percebe o significado de um texto. Simpson (1993) cita Fowler (1986) para justificar o uso da transitividade: “Códigos linguísticos não refletem a realidade de modo neutro: interpretam, organizam e classificam os assuntos do discurso. Eles encarnam teorias de como o mundo é organizado: visões de mundo ou ideologias<sup>14</sup>.” (Fowler, 1986 apud Simpson, 1993 p. 97)

No sistema da transitividade, há o que o autor chama de processo<sup>15</sup>. Há três componentes centrais nesse processo: o primeiro é o processo em si, ou ação, representado pelo verbo. O segundo são os participantes nesse processo, geralmente representados por

---

<sup>12</sup> Tradução minha para “*mental picture of reality*”.

<sup>13</sup> Tradução minha para *transitivity*.

<sup>14</sup> Tradução minha para *Linguistic codes do not reflect reality neutrally; they interpret, organize, and classify the subjects of discourse. They embody theories of how the world is arranged: world-views or ideologies*

<sup>15</sup> Tradução minha para *process*.

substantivos. O último elemento são as circunstâncias, geralmente expressas pelos complementos (Simpson, 2004, p. 22).

O primeiro processo a ser analisado é o processo material. Nele, há dois elementos principais: o que Simpson (2004) chama de agente<sup>16</sup> e de objetivo<sup>17</sup>. O processo material sempre terá um agente, porém o objetivo não é obrigatório. O segundo processo são os mentais. Esses processos refletem o mundo da consciência e podem ser divididos por processos de cognição (apresentado por verbos como pensar, imaginar), percepção (apresentado por verbos como ver, ouvir) ou reação (apresentado por verbos como gostar, odiar). Simpson (2004) apresenta também o processo comportamental, que envolve ações físicas como respirar, tossir. O próximo processo apresentado é o de verbalização, que descreve ações verbais. Em seguida, o autor apresenta o processo relacional que é dividido em três categorias: o processo relacional intensivo, possessivo e circunstancial. Esse processo apresenta principalmente a maneira na qual duas coisas estão relacionadas. O último processo é o existencial, que consiste apenas na existência de um processo, como por exemplo: aconteceu um assalto (Simpson, 2004). A maneira da qual cada processo é representado faz com que o leitor tenha reações diferentes a um mesmo evento. De acordo com Simpson (2004), o que nos interessa é analisar porque um tipo de processo foi escolhido.

A transitividade é empregada para traçar a maneira na qual alguns significados são privilegiados enquanto outros são suprimidos ou apagados. Assim, a transitividade fornece um modelo para investigar a maneira na qual a percepção de um leitor pode ser levada a uma certa direção no plano das ideias (Simpson, 1993).

Ainda de acordo com Simpson (1993), é ao desenvolver um estilo particular que um escritor privilegia ou não certos aspectos de um texto. Assim sendo, quando transportarmos aos estudos da tradução essa noção de estilo, vamos além do superficial da linguagem. É necessário decodificar escolhas estilísticas que dão significado a um texto (Barcellos, 2016, p. 34).

Na próxima seção, serão apresentados os pressupostos propostos por Baker ([1992] 2011 apud. Barcellos, 2016) relacionados à criatividade e à convencionalidade no uso da linguagem.

---

<sup>16</sup> Tradução minha para *actor*.

<sup>17</sup> Tradução minha para *goal*.

#### 1.4 Criatividade e convencionalidade no uso da linguagem

Barcellos (2016) investiga o trabalho de Baker (2004) para fazer uma análise sobre convencionalidade na tradução. De acordo com Baker (2004), tradutores optam pela manutenção da fluência nos textos traduzidos (Barcellos, 2016, p. 46). Os resultados da pesquisa de Baker (2004) apresentam uma certa preferência dos tradutores por elementos linguísticos que realizam certas estratégias de tradução.

As investigações conduzidas por Baker (2007) mostram também que a normalização é uma das principais características encontradas em textos traduzidos. Ou seja, tradutores preferem padrões típicos da língua-alvo, ou que é comum na língua portuguesa, ao se distanciar de usos criativos da linguagem (Barcellos, 2016).

Baker ([1992] 2011) apresenta também uma investigação acerca da concordância acima do nível da palavra, ou seja, expressões, colocações, etc. e se propõe a analisar padrões lexicais considerando especificamente colocações, expressões idiomáticas e expressões fixas (Barcellos, 2016, p. 48). Barcellos (2016) apresenta os dois significados básicos apresentados por Baker ([1992] 2011) para as colocações: “1) restrições semânticas impostas de maneira arbitrária e que não têm relação lógica com o significado das palavras, e 2) tendência de coocorrência das palavras em uma dada língua.” (Barcellos, 2016, p. 48).

Em seguida, Barcellos (2016, p. 48) apresenta os cinco problemas que tradutores podem enfrentar ao traduzir colocações listados por Baker ([1992] 2011). O primeiro é a falta de atenção do tradutor ao não observar restrições da língua alvo quando ela oferece outras colocações para expressar um mesmo significado existente no texto-fonte. O segundo problema está relacionado à má interpretação de colocações por parte do tradutor por conta de interferências da sua própria língua materna. O terceiro problema está relacionado às escolhas que o tradutor deve fazer entre precisão e naturalidade. O quarto problema está relacionado às colocações que refletem o ambiente sociocultural que lhes dão existência. Por último, o quinto problema se refere ao caráter marcado de certas passagens. De acordo com Barcellos (2016, p. 49), “colocações marcadas serão traduzidas de forma a manter essa característica na língua alvo” em situações ideais. Todavia, o tradutor enfrenta a dificuldade básica de reconhecer as expressões idiomáticas, expressões fixas e colocações marcadas.

Barcellos (2016), ao analisar os trabalhos sobre convencionalidade, elabora sete pressupostos para orientar o estudo de *corpus* em sua pesquisa. No presente trabalho, serão considerados apenas dois que são relevantes para o objetivo do trabalho. O primeiro pressuposto a ser considerado é que tradutores, de acordo com Barker (2007 apud. Barcellos, 2016), preferem significados literais de expressões idiomáticas. Ainda de acordo com Baker ([1992] 2011) apud. Barcellos, 2016), o segundo pressuposto considerado é a manutenção no texto traduzido de colocações marcadas no texto fonte, colocações específicas de determinadas culturas e tensões entre precisão e naturalidade.

A partir da abordagem proposta por Simpson ([1993] 2004), serão analisadas as preferências tradutórias nos níveis ideológicos e, a partir dos pressupostos propostos por Baker (2007) e Barcellos (2016), serão analisadas as escolhas tradutórias em relação às colocações, expressões idiomáticas e expressões fixas. No próximo capítulo, será apresentado o relato de tradução e a investigação das escolhas na tradução a partir do arcabouço adotado neste trabalho.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Neste capítulo será apresentado o relato de tradução e os principais problemas encontrados antes da tradução. Em seguida, com o suporte teórico já explanado, será feita uma análise a partir do modelo da transitividade proposto por Simpson ([1993] 2004) para identificar possíveis marcas ideológicas: significados privilegiados, suprimidos ou minimizados. Será analisado também o uso criativo da linguagem na tradução, principalmente em relação a colocações, expressões idiomáticas e expressões fixas em geral e como isso pode afetar a presença discursiva do tradutor no texto traduzido. A comparação entre a tradução publicada e a tradução feita para este projeto será apresentada para fins de análise de diferenças ideológicas ou de estilo nas traduções.

#### **2.1 O livro traduzido: *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back* e suas publicações**

O texto traduzido nesse projeto de conclusão de curso é um livro escrito por um jornalista britânico, Matthew d'Ancona. No livro, o autor discorre principalmente sobre os efeitos da pós-verdade nas eleições que levaram Donald J. Trump à presidência dos EUA e à aprovação do referendo para o BREXIT, movimento a favor da saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

Nos dois primeiros capítulos, o autor traz um breve histórico da pós-verdade, das eleições americanas e do BREXIT. D'Ancona analisa principalmente o que levou a população a não só aceitar o conceito da pós-verdade e sim abraçá-lo.

D'Ancona, no prefácio do livro, aponta que o objetivo do livro é explorar o declínio do valor da verdade e o avanço pernicioso do relativismo mascarado como um ceticismo legítimo. Ainda no prefácio, o autor interage diretamente com o leitor ao perguntar se o leitor está preparado para deixar a verdade ser destruída por charlatões ou se o leitor participará ativamente ou será apenas um observador. À vista disso, é possível perceber um tom informal por parte do escritor. O livro foi publicado pela editora *Ebury Press* em 11 de maio de 2017.

Um ano depois, em maio de 2018, a editora Faro publicou o livro traduzido por Carlos Szlak com o seguinte título: *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*.



Não foi possível encontrar nenhuma informação sobre o tradutor, apenas livros traduzidos por ele.

O objetivo inicial deste trabalho, com a escolha do texto, era apresentar uma tradução inédita de um texto que apresentasse um assunto relevante para o contexto brasileiro atual. Com a publicação e com o que estava sendo trabalhado no projeto até então, vimos a publicação como uma oportunidade para investigar as diferenças nas duas traduções em questões de ideologia e questões do uso criativo da linguagem.

Será apresentado o relato da tradução na próxima seção.

## **2.2 Relato da tradução**

O primeiro passo do ato tradutório, após a escolha do texto, foi uma leitura inicial com os seguintes objetivos: verificar os temas principais, identificar os termos mais difíceis e começar a montar um projeto de tradução.

Depois da leitura inicial, foi feita uma pesquisa com o objetivo de conhecer mais sobre o tema. A coleta de várias notícias sobre pós-verdade, *fake-news*, eleição do presidente Donald J. Trump e a vitória do BREXIT foi realizada por falarem sobre os assuntos mais comentados nos dois primeiros capítulos. Como o próprio tema deixa claro, a pesquisa foi realizada sempre com a verificação das fontes e sempre com tendência para a mídia tradicional. Foram evitados sites como o *Wikipédia*, *Facebook* ou qualquer outro site fora da mídia tradicional que não indicava suas fontes. É importante salientar que a mídia tradicional, que se difere da mídia digital, tem como responsabilidade checar as suas matérias antes de postá-las. Por isso, muitas vezes não indicam fontes, mas espera-se delas um compromisso com os fatos.

Um desafio encontrado na tradução foram os vários temas desconhecidos pela tradutora. Vários deles se referem principalmente à história norte-americana e britânica e à escândalos políticos que não fazem parte da cultura brasileira. Ao mencioná-los, D'ancona sempre explicitava suas referências. Muitas dessas referências se provaram úteis, pois proporcionaram mais informações sobre os temas, o que auxiliou na compreensão final do texto.

O próximo passo do projeto, foi fazer um primeiro esboço da tradução. A tradução foi feita no programa *Word*, usando uma tabela simples, sem o auxílio de ferramentas de auxílio à tradução. Usando a ferramenta de revisão textual do *Word*, no decorrer da tradução, foram feitos comentários sobre os desafios encontrados: os termos mais difíceis e trechos incompreensíveis à primeira vista.

Nessa primeira tradução, a tradutora enfrentou a primeira dificuldade apresentada por (Barcellos, 2016) que é a dificuldade em reconhecer as expressões idiomáticas e expressões fixas de uma língua.

Após os dois primeiros capítulos terem sido traduzidos e revisados, uma leitura mais cuidadosa e minuciosa do texto foi realizada, pois trechos traduzidos literalmente foram identificados. O objetivo dessa revisão foi principalmente evitar a tradução de expressões que ficaram literais demais e fazer uma análise da fluência e naturalidade do texto.

Depois de ser feita a revisão de literatura com os diversos autores apresentados nas seções anteriores e a segunda revisão, foi feita uma investigação para avaliar os resultados relacionados a ideologia na tradução, a presença discursiva do tradutor e a criatividade no uso da linguagem. Nas próximas seções, exemplos encontrados na tradução dos aspectos considerados serão apresentados.

### **2.2.1 Ideologia na tradução**

Nessa seção, serão analisadas questões ideológicas presentes ou não na tradução. Será empregado o método da transitividade para investigar se alguns significados foram privilegiados, suprimidos ou minimizados na tradução.

A posição ideológica do autor, D’Ancona, tende a contrariar as vitórias de Trump e BREXIT. É possível perceber essa contrariedade com uma análise dos verbos e adjetivos utilizados pelo autor ao se referir a esses acontecimentos. Alguns dos adjetivos utilizados pelo autor para falar de Trump são: *furious*, *incandescent*, *aggressive*, *garbled*. No caso de *incandescent*, por exemplo, o tradutor do TT2 usou a palavra “zangado”, enquanto no TT1 a tradutora traduziu como “furioso”.

Ademais, alguns exemplos foram selecionados para servirem de base de comparação entre o texto fonte (TF), o texto traduzido pela autora desse trabalho (TT1) e a tradução publicada pela editora Faro com tradução de Carlos Szalak (TT2). Os exemplos foram selecionados por conterem trechos com os diferentes processos que serão analisados e diferenças nas duas traduções. Todos os grifos em negrito são da autora.

**Quadro 1: exemplo de processo comportamental.**

TF	TT1	TT2
[...] the late <i>Top of the Pops</i> presenter had been the beneficiary of a culture of institutional neglect: what James Q. Wilson in his classic book <i>Bureaucracy</i> calls the problem of ‘selective attention’. <b>Blind eyes were turned, inquiries were token, shoulders were shrugged.</b>	[...] o finado apresentador de <i>Top of the Pops</i> se beneficiou de uma cultura de negligência institucional: James Q. Wilson, em seu livro clássico “Burocracia”, chama isso de problema da “atenção seletiva”. <b>Fizeram vista grossa, inquéritos foram simbólicos, deram de ombros.</b>	[...] o falecido apresentador de <i>Top of the Pops</i> foi beneficiário de uma cultura de negligência institucional: aquilo que James Q. Wilson, em seu livro clássico <i>Bureaucracy</i> , chama de o problema da “atenção seletiva”. Por exemplo: <b>fechar os olhos, dar de ombros, investigações que não dão em nada.</b>

O TF no Quadro 1 apresenta processos comportamentais. Esses processos refletem ações físicas que não causam mudança no mundo exterior. O autor, ao mudar o sentido comum do processo comportamental, enfatiza os processos, os comportamentos tomados. Além disso, essa estratégia suprime um elemento chave desse processo: o agente<sup>18</sup>. O TT1 optou por manter o mesmo tipo de processo, enquanto o TT2 os transformou em apenas exemplos de ações comportamentais que fazem parte do conceito anteriormente citado, a “atenção seletiva”. No entanto, esses comportamentos se referem à “negligência institucional”. Há ainda uma inversão na ordem dos comportamentos no TT2.

Ainda no Quadro 1, no TF, o autor utiliza a expressão idiomática “*to turn a blind eye*” que poder ser traduzida de maneira equivalente por outra expressão: “fazer vista grossa”. No TT2, a expressão marcada “*to turn a blind eye*” foi traduzida para “fechar os olhos”, que perde

<sup>18</sup> Simpson (2004) se refere aos agentes do processo comportamental como *behavers*.

o significado da expressão original. “*To turn a blind eye*” é utilizado quando algo é visto, porém ignorado.

**Quadro 2: exemplo de processo relacional.**

TF	TT1	TT2
Surprise, pleasure, recognition and indignation are fundamental to the human experience [...]	Surpresa, prazer, reconhecimento e indignação são fundamentais para a experiência humana [...]	A surpresa, o prazer, o reconhecimento e a indignação são fundamentais para a experiência humana [...]

O quadro 2 apresenta um processo relacional presente no TF para relacionar a experiência humana com ações humanas. Ambos os tradutores mantiveram a mesma relação ao usar o mesmo tipo de processo e manter a frase na mesma ordem. No entanto, há uma diferença no TT2: a utilização de artigos definidos.

**Quadro 3: exemplo de processo existencial.**

TF	TT1	TT2
<b>There was</b> no stable, verifiable reality – only an endless battle to define it, your ‘facts’ <b>versus</b> my ‘alternative facts’.	<b>Não havia</b> uma realidade estável ou que pudesse ser verificada, apenas uma batalha interminável para defini-la, seus “fatos” <b>contra</b> meus “fatos alternativos”.	<b>Não havia</b> realidade estável e verificável, apenas uma batalha incessante para defini-la: seus “fatos” <b>em contraste</b> com os meus “fatos alternativos”.

No Quadro 3, o autor do TF usou um processo existencial. No processo existencial, que geralmente está descrevendo eventos, não há um sujeito responsável pelo processo sendo descrito. O autor, ao utilizar o processo existencial tira a responsabilidade de um sujeito e pelo contexto, é possível perceber que não há um responsável pela falta de realidade estável. Nas traduções, ambos os tradutores optaram por deixar o mesmo processo. Porém, há diferença na variedade lexical com “*versus*”, “*contra*” e “*em contraste*”. Essa variedade lexical é

representada pela diferença no grau de violência. “Em contraste”, presente no TT2 é menos violento que “contra”, presente no TT1.

**Quadro 4: exemplo de processo de verbalização.**

TF	TT1	TT2
[...] he <b>bellowed</b> a narrative that imposed a crude sort of order upon the shifting complexities of modern life.	[...] Trump <b>bramiu</b> uma narrativa que impôs um tipo de ordem rudimentar sobre as complexidades inconstantes da vida moderna	[...] ele <b>bramiu</b> uma narrativa que impôs, <b>até certo ponto</b> , uma ordem bruta sobre as complexidades mutáveis da vida moderna.

No Quadro 4, o autor utiliza o verbo *bellow* em um processo de verbalização. O verbo *bellow* em inglês apresenta um sentido negativo ao significar gritar de maneira comparável a um animal<sup>19</sup>. O autor está se referindo ao presidente Trump e apresenta uma ideologia negativa em relação ao presidente ao se referir ao processo de verbalização de Trump dessa maneira. Na tradução, novamente, ambos os tradutores usaram o mesmo verbo com um sentido muito parecido ao do inglês. De acordo com o dicionário Houaiss Eletrônico, *bramir* significa: 1) soltar a voz (a fera) e 2) gritar colericamente, vociferar. Os tradutores mantêm o mesmo tipo de processo, mas suavizam a mensagem posteriormente: o TT1 com a tradução de “*crude*” para rudimentar e o TT2 com o uso de “até certo ponto”, sem motivo aparente no texto original.

### 2.2.2 Presença discursiva do tradutor na tradução

Nessa seção, será apresentada a investigação para verificar a presença discursiva do tradutor. No texto traduzido, foram encontrados diversos exemplos de explicitação, um dos universais da tradução de acordo com Barcellos (2016).

**Quadro 5: exemplo de explicitação de conteúdo.**

<sup>19</sup> Significado de acordo com o dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bellow> <acesso em 26/06/2018>.

TF	TT1	TT2
So traumatised were the American people by Watergate, <b>Iran–Contra</b> and other scandals (Telsich declared) [...]	Os americanos ficaram tão traumatizados depois de Watergate, <b>Irã-Contras (envolvimento dos EUA com o tráfico ilegal de armas) enviadas para o Irã)</b> e outros escândalos (de acordo com Telsich) [...]	<b>Segundo Telsich</b> , os norte-americanos estavam tão traumatizados com Watergate, o <b>caso Irã-Contras</b> e outros escândalos [...]

No Quadro 5, em TT1 a tradutora optou pela explicitação de alguns termos por serem temas pouco conhecidos por brasileiros por se referirem à história dos EUA e da Grã-Bretanha. O objetivo dessa explicitação foi evitar o uso de notas de rodapé para manter a fluência e naturalidade dos textos, pois notas de rodapé causam interrupções. Na TT2, o tradutor mostra preferir o seu uso.

#### Quadro 6: exemplo de explicitação de adjetivo.

TF	TT1	TT2
In her <b>sunny</b> celebration of Spicer’s intervention, she had given demotic form to Nietzsche’s famous dictum that ‘there are no facts, only interpretations’.	Com sua celebração, <b>ao dar pouca importância</b> às afirmações de Spicer, ela deu uma forma coloquial para a famosa frase de Nietzsche de que “não existem fatos, apenas interpretações”.	Em sua <b>radiante</b> celebração da intervenção de Spicer, deu forma popular ao conhecido dito de Nietzsche de que “não há fatos, apenas interpretações”.

No Quadro 6, no TT1, há uma explicitação do adjetivo. A tradutora do TT1 optou por explicitar “*sunny*” pois não encontrou uma palavra para manter o mesmo significado da TF: uma pessoa que feliz e relaxada que geralmente não se preocupa ou fica com raiva<sup>20</sup>. No TF, o adjetivo mostra pouca preocupação. No TT2, o tradutor traduziu o adjetivo de modo literal. Isso gera um texto marcado na tradução, pois radiante conta com o sentido figurado de muito alegre,

<sup>20</sup> Definição de acordo com o dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sunny> <Acesso: 28/06/2018>

feliz ou com tomado por sentimento bom e intenso; transbordante<sup>21</sup>, sentimentos sentidos por indivíduos.

#### Quadro 7: exemplo de explicitação em tradução de provérbio

TF	TT1	TT2
'It's kind of like looking at ratings or looking at a glass of half-full water. [...]	“É mais ou menos como olhar para números de audiências ou para o lado bom de tudo. [...]	“É como analisar índices de audiência ou um copo de água cheio pela metade. [...]

Neste último exemplo apresentado pelo quadro 7, há mais um caso de explicitação. Esse caso vem de uma pergunta que pode ser considerada como um provérbio: *Is the glass half empty or half full?* ou O copo está meio vazio ou meio cheio? Essa pergunta é feita para analisar se uma pessoa tem uma visão positiva ou negativa. Quando uma pessoa responde que o copo está meio cheio, ela é considerada uma pessoa com uma visão positiva. A tradutora do TT1, à vista disso, decidiu pela explicitação para deixar claro o significado do TF enquanto o tradutor do TT2 optou por traduzir de maneira literal, apagando o significado implícito fazendo com que o texto deixe de ser conotativo.

### 2.2.3 Criatividade no uso da linguagem na tradução

Nessa seção, será apresentado como os problemas encontrados no projeto tradutório foram resolvidos por meio da criatividade ou convencionalidade na tradução. Serão investigadas principalmente as colocações de várias ordens: de expressões até frases feitas e as colocações marcadas.

Exemplos de colocações que foram traduzidas utilizando criatividade:

#### Quadro 8: exemplo de criatividade em tradução de expressões idiomáticas

TF	TT1	TT2
----	-----	-----

<sup>21</sup> Definição 4 e 5 para radiante no Dicionário Eletrônico Houaiss.

Instead of <b>force-feeding</b> the electorate with an inventory of facts and the details of his résumé [...]	Em vez de <b>empurrar goela abaixo</b> do eleitorado uma coleção de fatos e detalhes do seu currículo [...]	Em vez de <b>alimentar à força</b> o eleitorado com um inventário de fato e detalhes de seu currículo [...]
---	---	---

No Quadro 8, a tradutora do TT1 optou por uma opção que conta com criatividade para tentar dar fluência ao texto e o tradutor do TT2 optou pela literalidade. No TT1 no Quadro 10, a expressão idiomática foi traduzida de maneira criativa sem mudar a realização de significado e manteve a fluência do texto. No entanto, o TT2 apresentou uma colocação não comum para “*force-feeding*”. Ao utilizar “alimentar à força”, o tradutor suaviza a mensagem do TF e abrandando a mensagem ideológica do autor, além de usar uma colocação marcada.

#### Quadro 9: exemplo de mudança na realização de significado na tradução

TF	TT1	TT2
[...]and other beneficiaries of taxpayer’s money ‘running through a liberal sympathy <b>sieve</b> ’.	[...]e outros beneficiários do dinheiro público “escorrendo pelo <b>ralo</b> de apoio liberal”.	[...] e outros beneficiários do dinheiro dos pagadores de impostos, que “escoa rapidamente pelo <b>coador</b> da compaixão liberal”.

No Quadro 9, o TT1 apresenta uma mudança na realização de significado ao traduzir “*sieve*” para “ralo”. Essa escolha foi tomada para manter a fluência e naturalidade do texto, pois “coador” não traz sentido conotativo em português. Essa mudança na realização do significado acentua a mensagem do TF pois “ralo” apresenta a mensagem de algo que vai embora, enquanto “*sieve*”, ou coador em português, é algo que separa.

Os próximos exemplos apresentam traduções literais para as colocações. O TT1 apresenta explicitação na tradução de colocações, pois colocações na língua portuguesa que manteriam o significado das colocações do TF não foram encontradas.

#### Quadro 10: exemplo 1 de explicitação na tradução de colocações



TF	TT1	TT2
More than ever, the practice of politics is perceived <b>as a zero-sum game</b> , rather than a contest between ideas.	Mais do que nunca, a prática política é vista <b>como se o ganho de um é necessariamente a perda de outro</b> em vez de uma competição de ideias.	Mais do que nunca, a prática política é percebida como um <b>jogo de soma zero</b> , em vez de uma disputa entre ideias.

O Quadro 10 apresenta a colocação “*zero-sum game*”. “Jogo de soma zero” é um termo técnico econômico e sua ocorrência na língua portuguesa não é natural e comum o suficiente para traduzir a colocação de maneira literal, além de deixar o trecho marcado. No site de pesquisa *Google*, a colocação “*zero-sum game*” ocorre mais de 37 milhões de vezes. Em português, o site de pesquisa retornou um pouco mais de 2 milhões de ocorrências para “jogo de soma-zero”.

#### Quadro 11: exemplo 2 de explicitação na tradução de colocações

TF	TT1	TT2
Conspiracist websites and social media scorn the <b>‘dead tree press’</b> or <b>MSM (mainstream media)</b> as the discredited voice of a ‘globalist’ order, a ‘liberal elite’ <b>whose time is past</b> .	Sites de conspirações e as redes sociais depreciam os <b>jornais impressos</b> ou a <b>Mídia Tradicional</b> como a voz duvidosa de uma ordem “globalista”, uma “elite liberal” que <b>pertence ao passado</b> .	Os sites conspirativos e a mídia social tratam com desdém os <b>jornais impressos</b> ou a <b>grande mídia (minstream media – MSM)</b> , considerando-os a voz desacreditada de uma ordem “globalista”; uma “elite liberal”, <b>cujo tempo já passou</b> .

O Quadro 11 apresenta a colocação “*dead tree press*” para se referir ao jornal impresso. Como a tradutora do TT1 não achou em português nenhuma outra maneira para se referir a um jornal impresso, optou pela tradução literal da colocação. A mesma escolha pode ser observada na TT2. No entanto, em TT2, o tradutor optou por traduzir MSM para grande

mídia, enquanto a tradutora do TT1 optou por manter apenas Mídia Tradicional. Aqui, pode-se dizer que há uma diferença ideológica entre os tradutores em relação à mídia pela maneira na qual cada um se refere a *mainstream media*.

No trecho “*whose time is past*”, a tradução do TT1 prezou pela fluência da linguagem, mesmo acentuando a mensagem do TF ao utilizar o verbo “pertencer”, que apresenta posse, em vez do pronome relativo “cujo”, que apresenta relação entre dois substantivos. No TT2, o tradutor não toma uma decisão e traduz o TF de maneira literal, criando um trecho marcado. Esse trecho apresenta o processo relacional possessivo, caracterizado por “pertence” no TT1 e por “cujo” no T2.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a apresentação da tradução do primeiro e segundo capítulo do livro *Post-Truth: The New War on Truth and How to Fight Back*. A partir do aporte teórico escolhido, foi montado um projeto tradutório.

Esse projeto levou em consideração principalmente as teorias de Munday (2008a e 2008b) sobre ideologia e tradução; o modelo da transitividade apresentado por Simpson ([1993] 2004); e os pressupostos de estilo da traduções desenvolvidos por Baker ([1992] 2011 e 2007) no âmbito dos Estudos da Tradução, conforme apresentados por Barcellos (2016).

Munday (2008a e 2008b) considera a voz do autor do texto como uma “presença manipuladora” e é a partir dessa voz que o tradutor passará sua mensagem. O tradutor apresentará no texto traduzido a sua presença discursiva a partir das suas escolhas lexicais. Nos exemplos selecionados, é possível considerar que o tradutor do TT2 suavizou a mensagem do TF com suas escolhas lexicais.

Os exemplos analisados com o modelo transitivo de Simpson ([1993] 2004) mostraram algumas características apresentadas pelo autor. Ou seja, que certos significados foram privilegiados ou suprimidos a partir de diferentes usos dos processos apresentados no modelo da transitividade. O processo comportamental, por exemplo, tem como foco o agente. No entanto, no TF o autor suprime totalmente esse agente para que a atenção do leitor se volte para os comportamentos em si. No TT1, o mesmo processo foi apresentado, enquanto no TT2, o tradutor os apresentou apenas como uma lista de exemplos comportamentais, não comportamentos já realizados, assim como era no TF.

Além disso, as escolhas dos tradutores nos exemplos analisados apresentaram os pressupostos apontados por Barcellos (2016) em relação à manutenção do texto com a tradução de colocações de maneira literal.

Por fim, conclui-se que o estudo sobre ideologia na tradução é pertinente aos Estudos da Tradução para refletir a maneira na qual tradutores podem escolher suprimir ou destacar certos significados para manipular o texto traduzido. Espera-se que esta pesquisa sobre ideologia e tradução seja útil para outras pesquisas nesse escopo e que possa auxiliar discussões sobre o tema em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Carolina. **Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na tradução: um estudo de caso sobre os padrões de escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto**. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2016.
- BARCELLOS, Carolina. **O estilo de tradutores: apresentação do discurso no corpus paralelo *Heart of Darkness*/(No) Coração das Trevas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011
- EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. Trad. Luís Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Universidade Estadual Paulista & Boitempo, 1997.
- FAWCETT, Peter e MUNDAY, Jeremy. IDEOLOGY. In: SALDANHA, Gabriela e O'BRIEN, Sharon. *Research Methodologies in Translation Studies*. Manchester: St Jerome, 2013.
- FERREIRA, Maria Alice Araújo; SOUZA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine (Org.) **Ensaio de Teoria e Prática de Tradução. A tradução na sala de aula**. (Org.). Brasília: Editora da UnB, 2014, p. 171-198.
- MUNDAY, Jeremy. *Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English*. New York: Routledge, 2008b.
- MUNDAY, Jeremy. The Relations of Style and Ideology in Translation: A case study of Harriet de Onís. In: PEGENAUTE, L.; DECESARIS, J.; TRICÁS, M. e BERNAL, E. [eds.] *Actas del III Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo*. Barcelona: PPU. Vol. n.º 1, p. 57-68. 2008a.
- SANTOS, Jessica de Almeida e SPINELLI, Egle Müller. **Pós-verdade, fake news e fact-checking: impactos e oportunidades para o jornalismo**. São Paulo: ECA/USP, 2017
- SELL, Carlos Eduardo. Ideologias políticas. In: **Introdução à Sociologia Política**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 51-78.
- SIMPSON, Paul. *Language, Ideology and Point of View*. London & New York: Routledge, 1993.

SIMPSON, Paul. *Stylistics. A resource book for students*. London & New York: Routledge, 2004.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 20011.

TYMOCZKO, Maria. *Ideology and the Position of the Translator In What Sense is a Translator 'In Between'?* In: PÉREZ, María Calzada. *Apropos of Ideology Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies*. New York: Routledge. 2003.

TYMOCZKO, Maria. *Translation, Ethics and Ideology in a Violent Globalizing World*. In: MIALET, Esperança Bielsa e HUGHES, Chris. *Globalisation, Political Violence and Translation*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

## ANEXOS

## ANEXO A: Tradução alinhada com o texto fonte: Capítulo 1

<p><b>1</b></p> <p>‘WHO CARES?’: THE COMING OF THE POST-TRUTH ERA</p> <p><b>BREXIT, TRUMP AND THE NEW POLITICAL AUDIENCE</b></p> <p>To every thing there is a season: 1968 marked the revolution in personal freedom and the yearning for social progress; 1989 will be remembered for the collapse of totalitarianism; and 2016 was the year that definitively launched the era of ‘Post-Truth’. It is the nature, origins and challenges of that era that this book seeks to address.</p> <p>We have entered a new phase of political and intellectual combat, in which democratic orthodoxies and institutions are being shaken to their foundations by a wave of ugly populism. Rationality is threatened by emotion, diversity by nativism, liberty by a drift towards autocracy. More than ever, the practice of politics is perceived as a zero-sum game, rather than a contest</p>	<p><b>1</b></p> <p>“QUEM SE IMPORTA?”: A ERA DA PÓS-VERDADE CHEGOU</p> <p><b>BREXIT, TRUMP E A NOVA AUDIÊNCIA POLÍTICA</b></p> <p>Há uma época para tudo: 1968 marcou a revolução da liberdade individual e o desejo por progresso social, 1989 vai ser lembrado pelo colapso do totalitarismo e 2016 foi o ano que definitivamente lançou a era da “Pós-verdade”. É a natureza, origens e desafios dessa era que esse livro busca discutir.</p> <p>Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, na qual ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas até a base por uma onda de populismo ruim. A racionalidade está sendo ameaçada por emoção, a diversidade por nativismo, a liberdade por uma inclinação para autocracia. Mais do que nunca, a prática política é vista como se o ganho de um é necessariamente a perda de outro em</p>
--	--

between ideas. Science is treated with suspicion and, sometimes, open contempt.

At the heart of this global trend is a crash in the value of truth, comparable to the collapse of a currency or a stock. Honesty and accuracy are no longer assigned the highest priority in political exchange. As candidate and President, Donald Trump has demeaned the assumption that the leader of the free world should have at least a glancing acquaintance with the truth: according to the Pulitzer Prize-winning fact-checking site Politi-Fact, 69 per cent of his statements are ‘Mostly False’, ‘False’ or ‘Pants on Fire’.<sup>1</sup> In the United Kingdom, the campaign to leave the European Union triumphed with slogans that were demonstrably untrue or misleading – but also demonstrably resonant.

Conspiracist websites and social media scorn the ‘dead tree press’ or MSM (mainstream media) as the discredited voice of a ‘globalist’ order, a ‘liberal elite’ whose time is past. ‘Experts’ are vilified as an ill-intentioned cartel rather than a source of verifiable information. ‘Dare to know’ was Immanuel Kant’s proposed motto for the

vez de uma competição de ideias. A ciência é tratada com suspeita e, às vezes, confronto direto.

No centro dessa tendência global está uma queda no valor da verdade, algo comparável ao colapso de uma moeda ou ação da bolsa. Honestidade e precisão não são mais a maior prioridade em intercâmbios de ideias políticas. Como candidato e presidente, Donald Trump abalou a noção de que um líder do mundo livre deveria ter pelo menos alguma familiaridade com a verdade: de acordo com o site vencedor do Prêmio Pulitzer *Politi-Fact*, que verifica veracidade de notícias, 69% das afirmações ditas por Trump são “Quase completamente Falsas”, “Falsas” ou “Absurdas”. No Reino Unido, a campanha para deixar a União Europeia foi repleta de slogans obviamente falsos e enganosos, mas também obviamente ressonante.

Sites de conspirações e as redes sociais depreciam os jornais impressos ou a Mídia Tradicional como a voz duvidosa de uma ordem “globalista”, uma “elite liberal” que pertence ao passado. “Especialistas” são demonizados como um cartel com más intenções em vez de uma fonte de informações verificáveis. “Ouse saber” foi o lema de Immanuel Kant para o

<p>Enlightenment. Today's counterpart is: 'Dare not to'.</p> <p>It is no accident that Oxford Dictionaries selected 'Post-Truth' as its word of the year in 2016, defining it as shorthand for 'circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief'.<sup>2</sup> Its precise etymology is disputed, though there is general consensus that it was first deployed in a 1992 article in the <i>Nation</i> by the Serbian-American writer Steve Tesich. So traumatised were the American people by Watergate, Iran–Contra and other scandals (Tesich declared) that they had started to turn away from truth, and collude wearily in its suppression:</p> <p>We are rapidly becoming prototypes of a people that totalitarian monsters could only drool about in their dreams. All the dictators up to now have had to work hard at suppressing the truth. We, by our actions, are saying that this is no longer necessary, that we have acquired a spiritual mechanism that can denude truth of any significance. In a very fundamental way we, as a free people, have freely decided that we want to live in some post-truth world.<sup>3</sup></p>	<p>Iluminismo. Hoje a contrapartida é: “Ouse não saber”.</p> <p>Não foi por acaso que o Dicionário <i>Oxford</i> selecionou “Pós-verdade” como sua palavra do ano em 2016, definindo-a como uma abreviação para “circunstâncias nas quais fatos objetivos influenciam menos na formação de opinião pública que apelos à emoção e à crença pessoal”. Sua etimologia precisa é fonte de disputa, apesar de ser consenso seu surgimento em um artigo de 1992 no jornal <i>The Nation</i> do escritor sérvio-americano Steve Stesich. Os americanos ficaram tão traumatizados depois de Watergate, Irã-Contras (envolvimento dos EUA com o tráfico ilegal de armas enviadas para o Irã) e outros escândalos (de acordo com Telsich) que começaram a virar as costas para a verdade e conspiram cansados suprimindo-a:</p> <p>Estamos nos tornando rapidamente o protótipo de um povo que monstros totalitários podiam apenas sonhar em ter. Todos os ditadores até hoje tiveram que se esforçar para suprimir a verdade. Nós, por conta de nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que nós adquirimos um mecanismo espiritual que consegue retirar da verdade de qualquer significado. De uma maneira visceral nós, como pessoas livres, decidimos por vontade própria que nós queremos viver em um mundo de pós-verdade.</p>
---	---



In 2010, the blogger David Roberts surveyed the latest findings of academic political science to reach similar conclusions, albeit from a different perspective. Comforting as it was to imagine that voters gathered facts, drew conclusions from those facts, formed ‘issue positions’ based on their conclusions and chose a political party accordingly, electoral behaviour did not conform to this ideal. In practice, Roberts wrote, they chose a party on the basis of value affiliations, adopted the opinions of the tribe, developed arguments to support those opinions and (only then) selected facts to reinforce those contentions: ‘We live in post-truth politics: a political culture in which politics (public opinion and media narratives) have become almost entirely disconnected from policy (the substance of legislation). This obviously dims any hope of reasoned legislative compromise.’<sup>4</sup>

In 2016, the prophecies of Tesich and Roberts were realised, to spectacular effect. The election of Trump as America’s forty-fifth President and the triumphant campaign to lead Britain out of the EU undoubtedly marked an uprising against the established

Em 2010, o blogueiro David Roberts avaliou as últimas descobertas dos estudos de ciência política para chegar a conclusões similares, apesar de ter uma perspectiva diferente. Por mais que fosse confortante imaginar que eleitores reuniam fatos, tiravam conclusões desses fatos, formavam opiniões sobre assuntos baseadas em suas conclusões e escolhiam um partido político de acordo com isso, o comportamento eleitoral não confirmou essa ideia. Na prática, Roberts escreveu, os eleitores escolhem um partido com base em seus valores pessoais, adotam a opinião do grupo com o qual se identificam, desenvolvem argumentos para justificar essas opiniões e (só então) selecionam fatos para reforçar essas afirmações:

“Vivemos na política da pós-verdade: uma cultura política na qual a opinião pública e as narrativas da mídia acabaram, quase de forma integral, desconectadas da posição política (a substância da legislação). Isso diminui, de maneira óbvia, qualquer esperança de uma harmonia legislativa razoável.”

Em 2016, as profecias de Tesich e Roberts se tornaram realidade com um efeito espetacular. A eleição de Trump como o quadragésimo quinto presidente e a campanha triunfante que levou a Grã-Bretanha a sair da União Europeia sem

order and a demand for ill-defined change: respectively, to ‘Make America Great Again’ and to ‘Take Back Control’. Both victories overturned the blithe predictions of pundits, pollsters and bookies. Both blasted light across a transformed landscape whose emergence the political and media class had failed to register. Most conspicuously, both insurgencies reflected a new and alarming collapse in the power of truth as an engine of electoral conduct. Roberts’s blogged thesis had become geopolitical reality.

Donald J. Trump is lionised by his supporters as a businessman uncontaminated by politics. He is hailed as the master of the deal, the balance sheet and value for money. But – as the first Post-Truth President – he is much better understood as an entertainer than as a politician or as a tycoon (who has, after all, filed for bankruptcy six times).<sup>5</sup> It is no accident that he tweeted so angrily when mocked by *Saturday Night Live*, or attacked by Meryl Streep at the Golden Globes. When Arnold Schwarzenegger took over his former starring role as host of *The Celebrity Apprentice*, he used Twitter to deliver his verdict: ‘Wow, the ratings are in

dúvida marcaram uma revolta contra a ordem estabelecida e uma demanda por mudanças indefinidas: “Faça os EUA grandes de novo” e “Retome o controle”, respectivamente. Ambas as vitórias derrubaram as previsões pouco pensadas de especialistas, pesquisadores de opinião, e apostadores. Ambas iluminaram uma paisagem transformada cujo surgimento a classe política e a mídia não perceberam. De maneira proeminente, as duas insurgências refletiram um novo e alarmante colapso no poder da verdade como um motor de comportamento eleitoral. A hipótese que Roberts publicou em seu blog se tornou uma realidade geopolítica.

Donald J. Trump é idolatrado por seus apoiadores como um empresário celebridade que não foi contaminado pela política. Ele é aclamado como mestre dos negócios, do balanço patrimonial e do custo-benefício. Mas, como o primeiro presidente da era da pós-verdade, é muito melhor compreendido como um artista do entretenimento do que um político ou um magnata (que, afinal, já decretou falência seis vezes). Não é por acaso que Trump tuitou com tanta raiva quando foi ridicularizado pelo programa *Saturday Night Live (SNL)* ou quando foi criticado por Meryl Streep no *Golden Globes*. Quando Arnold Schwarzenegger assumiu o

and Arnold Schwarzenegger got “swamped” (or destroyed) by comparison to the ratings machine, DJT.’ Even as his transition faltered, the President-elect was not too busy for a photo-op with Kanye West.

Amazingly, Trump is a member of the World Wrestling Entertainment Hall of Fame, having engaged in a supposedly impromptu fight with Vince Mc-Mahon, the chairman of the \$1.5 billion global wrestling franchise, at ‘WrestleMania’ in 2007. The French philosopher Roland Barthes famously categorised wrestling as ‘a sum of spectacles’. Could there be a better way of describing the behaviour of this President?

‘There is no more problem of truth in wrestling than in theatre,’ wrote Barthes, a formulation that sounds ominously familiar in the era of ‘Post-Truth’. The performance is ‘episodic but always opportune’, presenting an ‘amorphous baseness’ and ‘the ever-entertaining image of the grumbler, endlessly confabulating about his displeasure’. The spectator revels in ‘the

seu antigo papel como apresentador do programa *The Celebrity Apprentice*, Trump usou o Twitter para dar o seu veredito: “Nossa, a audiência saiu e Arnold Schwarzenegger exagerou e não deu conta (ou foi destruído) em comparação à máquina de audiência, DJT.” Mesmo com problemas no período da transição, o presidente eleito não estava tão ocupado assim para uma sessão de fotos com Kanye West.

Surpreendentemente, Trump é membro do *Hall* da fama da *World Wrestling Entertainment* por ter se envolvido em uma luta supostamente improvisada com Vince Mc-Mahon, o diretor da franquia global de luta-livre que vale 1,5 bilhões de dólares, em “*WrestleMania*” em 2007. O filósofo francês Roland Barthes categorizou a luta livre como “uma soma de espetáculos”. Há um jeito melhor de descrever o comportamento desse presidente?

“Como no teatro, na luta livre também não existe o problema da verdade,” escreveu Barthes, uma formulação que soa perigosamente familiar na era da “Pós-verdade”. A performance é “episódica, mas sempre oportuna”, apresentando uma “ignomínia amorfa” e a “sempre-divertida imagem do resmungão, confabulando com seus botões sobre sua infelicidade”. O

emotional magniloquence, the repeated paroxysms, the exasperation of the retorts'.<sup>6</sup>

None of this is a distraction for Trump: it is essential both to his identity and his perception of the public as an audience consuming entertainment rather than a civically engaged electorate. His priorities are not policy, personnel or diplomacy. Instead, he has recast the presidency as the most desirable role in show business, part of a continuum that has stretched, for him, from the WWE ring via film cameos to the Oval Office. Streep and the cast of *SNL* are not just his enemies, but fellow performers – peers and rivals. In such a context, it must seem laughably old-fashioned to approach government as the forging of evidence-based policy and the pursuit of political support needed to implement it. What counts is ratings.

This is why the President was so exercised by reports that his inauguration had been more sparsely attended than Barack Obama's in 2009. On the morning after the ceremony, Trump spoke personally to the acting director of the National Park Service, Michael T.

espectador se diverte com a “pomposidade emocional, os paroxismos repetidos e a exasperação das retaliações”.

Nada disso é uma distração para Trump: é essencial para sua identidade e para sua percepção do público como uma audiência que consome entretenimento em vez de um eleitorado cívico e engajado. Suas prioridades não são uma política de ação, nem seus funcionários, tampouco a diplomacia. Em vez disso, reformulou a presidência como o papel mais desejado no *show business*, parte de uma sequência que já se esticou, para ele, de um ringue de luta-livre passando por pequenas participações em filmes até o Salão Oval. Meryl Streep e a equipe do *SNL* não são apenas seus inimigos, mas colegas de atuação – colegas e rivais. Em um contexto assim, deve parecer antiquado e ridículo abordar o governo como uma forma de criar políticas baseadas em evidência e a busca pelo apoio político necessário para implementá-las. O que conta é a audiência.

É por isso que o presidente ficou tão perplexo com as notícias de que sua posse contou com um público menor do que a posse de Barack Obama, em 2009. Na manhã depois da cerimônia, Trump conversou pessoalmente com o diretor interino do *National Park Service* [Serviço

Reynolds, demanding additional images that would undermine this proliferating story. On the same day, Sean Spicer, the new White House press secretary, called a special press conference and insisted belligerently that ‘this was the largest audience to ever witness an inauguration, period, both in-person and around the globe’. The crowd in the 2009 photographs looked larger, he claimed, because of new white floor coverings laid on the National Mall which had the effect of ‘highlighting areas where people were not standing, while in years past, the grass eliminated this visual’. The Trump administration, he warned, intended to ‘hold the press accountable’.<sup>7</sup>

As angry as Spicer and his boss might be, their position was hilariously unsustainable. It fell to Kellyanne Conway, senior aide to the President, to find some way of squaring the epistemological circle, of reconciling bogus claim with photographic evidence. On NBC’s *Meet the Press* the next day, Conway told Chuck Todd that there was a perfectly reasonable explanation: ‘Don’t be so overly dramatic about it, Chuck. You’re saying it’s a falsehood [...] Sean Spicer, our press secretary, gave alternative facts to that.’<sup>8</sup>

Nacional de Parques], Michael T. Reynolds, exigindo mais fotos para desmentir essa história que estava se espalhando. No mesmo dia, Sean Spicer, o novo porta-voz da Casa Branca, convocou uma coletiva de imprensa especial e insistiu de modo beligerante que “essa foi a maior audiência já vista em uma posse, ponto final, tanto pessoalmente quanto ao redor do globo”. A multidão nas fotos de 2009 parecia maior, ele afirmou, por conta do novo piso branco no *National Mall*, o que teve como efeito “destacar as áreas onde as pessoas não estavam, enquanto que, nos anos anteriores, a grama eliminou essa imagem. A administração Trump, Sean Spicer avisou, pretendia questionar a imprensa”.

Não importa o quanto Spicer e seu chefe estivessem com raiva, sua posição era hilária e insustentável. Recaiu sobre Kellyanne Conway, assessora sênior do presidente, encontrar um jeito de harmonizar o círculo epistemológico, de reconciliar uma afirmação falsa com a evidência fotográfica. No programa *Meet the Press*, da rede de televisão NBC no dia seguinte, Conway contou a Chuck Todd que havia uma explicação perfeitamente razoável: “Não seja tão dramático em relação a isso, Chuck. Você está dizendo que é uma farsa [...] Sean Spicer, nosso

As it happens, this was not the first time a Trump supporter had advanced an argument of this sort. In December 2016, the conservative commentator Scottie Nell Hughes argued that perception was all that counted. ‘One thing that’s been interesting this entire campaign season to watch is that people that say facts are facts. They’re not really facts,’ she said on NPR’s *The Diane Rehm Show*. ‘It’s kind of like looking at ratings or looking at a glass of half-full water. Everybody has a way of interpreting them to be the truth or not true. There’s no such thing, unfortunately, anymore as facts.’

But Conway was a senior White House official, not a media cheerleader. In a single sound bite, she had not only acknowledged the dawn of the Post-Truth era, but embraced it. In her sunny celebration of Spicer’s intervention, she had given demotic form to Nietzsche’s famous dictum that ‘there are no facts, only interpretations’. NBC’s reporter might regard Spicer’s claim as a lie, but this, from her perspective, was to misunderstand the new rules of political debate. There was no stable, verifiable reality – only an endless

secretário de imprensa, deu fatos alternativos para isso”.

Na realidade, essa não foi a primeira vez que um apoiador de Trump usou um argumento desse tipo. Em dezembro de 2016, a comentarista conservadora Scottie Nell Hughes argumentou que percepção era tudo o que importava. “Uma coisa que foi interessante de ver nessa campanha inteira foram aquelas pessoas dizendo que fatos são fatos. Não são fatos de verdade,” ela disse no programa *The Diane Rehm Show* do canal NPR. “É mais ou menos como olhar para números de audiências ou para o lado bom de tudo. Cada um tem um jeito de interpretá-los como sendo verdade ou mentira. Infelizmente, não há mais uma coisa como fatos.”

Mas Conway era uma assessora sênior da Casa branca, não uma líder de torcida para a imprensa. Com um único comentário, ela não só reconheceu o amanhecer da era da Pós-verdade, como também a recebeu de braços abertos. Com sua celebração, ao dar pouca importância às afirmações de Spicer, ela deu uma forma coloquial para a famosa frase de Nietzsche de que “não existem fatos, apenas interpretações”. O repórter da NBC pode entender a afirmação de Spicer como mentira, mas isso, a partir da perspectiva de Conway, seria não

battle to define it, your ‘facts’ versus my ‘alternative facts’. The key was to keep ahead in that battle. Victory had always been at the heart of politics. But now – if Conway’s maxim prevailed – it was the only thing of consequence.

It would be idle to deny the role that Trump’s personal psychology and instincts have played in this process. Long before his presidential candidacy, the tycoon’s relationship with the truth was frayed at best. From Roy Cohn, his lawyer, fixer and confidant – and former chief counsel to the McCarthy anti-communist hearings – he learned that ‘brand’ mattered more than the public ledger of fact and fiction, and that the sleepless quest for publicity was much more important than flawlessly objective coverage. What Cohn taught Trump was much more than old-school public relations – the management of news – but the creation of a modern myth. In this game, facts were a luxury and often an irrelevance.<sup>9</sup>

In his ghosted bestseller, *The Art of the Deal*, Trump referred approvingly to

compreender as novas regras do debate político. Não havia uma realidade estável ou que pudesse ser verificada, apenas uma batalha interminável para defini-la, seus “fatos” contra meus “fatos alternativos”. A chave era se manter à frente naquela batalha. A vitória sempre esteve no centro da política. Mas agora, se a máxima de Conway prevalecesse, seria a única consequência.

Seria uma negligência negar o papel que a psicologia pessoal de Trump e seus instintos tiveram nesse processo. Muito antes de sua candidatura presidencial, a relação do magnata com a verdade era frágil, na melhor das hipóteses. De Roy Cohn, seu advogado, faz tudo e confidente – além de antigo advogado chefe das audiências anticomunistas de McCarthy - Trump aprendeu que “marca” importava mais que o registro oficial do que é verdade e do que é ficção e que a saga incansável por publicidade era muito mais importante que uma cobertura objetiva irretocável. O que Cohn ensinou a Trump foi muito mais do que relações públicas a moda antiga, – o gerenciamento de notícias – foi a criação de um mito moderno. Nesse jogo, fatos eram um luxo e, muitas vezes, uma irrelevância.

Em seu best-seller, feito por um escritor-fantasma, *A arte da negociação*, Trump se

‘truthful hyperbole’ – a euphemism if ever there was one. What mattered was not veracity, but impact. His butler, Anthony Senecal, has claimed that Trump once alleged that the tiles in the nursery at Mar-a-Lago, his West Palm Beach club, were personally made by Walt Disney. When Senecal questioned this unlikely tale, his boss replied: ‘Who cares?’<sup>10</sup>

What Trump meant was that the story mattered more than the facts. And it was precisely upon this basis that he campaigned in 2016. Instead of force-feeding the electorate with an inventory of facts and the details of his résumé, he bellowed a narrative that imposed a crude sort of order upon the shifting complexities of modern life. He was explicitly divisive, promising a ban on Muslim immigration, a wall along the Mexican border, a return to economic protectionism.

But that was the whole point: to offer the great mass of white voters a series of enemies against whom they could unite, a story in which they could play a part, and a mythical plan to ‘Make America Great Again’. The effect was narcotic rather than

referiu positivamente à “hipérbole verdadeira” – um eufemismo, se é que já existiu um. O que importava não era veracidade e sim impacto. Seu mordomo, Anthony Senecal, afirmou que Trump, certa vez, se vangloriou sobre os azulejos do berçário de Mar-a-Lago, seu Clube em West Palm Beach, Florida, terem sido feitos pelo próprio Walt Disney. Quando Senecal questionou essa informação improvável, seu chefe respondeu: “Quem se importa?”

O que Trump quis dizer é que a narrativa importa mais do que os fatos. E foi precisamente sobre essa base que ele fundou sua campanha em 2016. Em vez de empurrar goela abaixo do eleitorado uma coleção de fatos e detalhes do seu currículo, Trump bramiu uma narrativa que impôs um tipo de ordem rudimentar sobre as complexidades inconstantes da vida moderna. Ele, de modo explícito, apoiava a divisão: prometendo banir a imigração muçulmana, um muro na fronteira com o México, um retorno do protecionismo econômico.

Mas esse foi objetivo: oferecer à grande massa de eleitores brancos uma série de inimigos contra os quais se uniriam, uma história da qual fariam parte e um plano mítico que pedia: “Faça os EUA grandes de novo”. O efeito foi mais narcótico do que



<p>rational: better a fantasy narrative that felt good than none at all. At the heart of this narration stood Trump himself, a soiled Gatsby whose vulgar flashiness – much mocked in the media – was precisely what made the story so seductive.<sup>11</sup></p> <p>Victory persuaded him that he was now more or less liberated from the pesky constraints of fact. Scroll forward to Trump’s first solo press conference as President, in which he claimed that he had achieved ‘the biggest electoral college win since Ronald Reagan’. When corrected by NBC’s Peter Alexander who pointed out that, in 2008, Obama had secured 365 votes – 61 more than Trump – the President muttered: ‘I was talking about Republicans.’ Alexander replied that George H. W. Bush had won 426 votes in 1988, and asked, on this basis of his phony claims, why Americans should trust him. Apparently unfazed, the President said only: ‘I was given that information. I actually, I’ve seen that information around. But it was a very substantial victory, do you agree with that?’<sup>12</sup> In other words: who cares?</p> <p>So it is tempting to ascribe the rise of Post-Truth to the rise of Trump. Tempting,</p>	<p>racional: melhor uma narrativa fantástica que parecia boa do que narrativa nenhuma. No centro dessa narração estava Trump, um Gatsby corrompido cujo brilho vulgar, muito zombado pela mídia, foi precisamente o que deixou a história tão sedutora.</p> <p>Sua vitória fez com que Trump acreditasse estar mais ou menos livre das incômodas amarras dos fatos agora. Pule para a primeira coletiva de imprensa que Trump deu sozinho como presidente, na qual afirmou ter alcançado a “maior vitória por colégios eleitoral desde Ronald Regan”. Quando corrigido por Peter Alexander, da NBC, que apontou a vitória de Obama, por 365 votos, 61 a mais, o presidente murmurou: “Eu estava falando dos republicanos.” Alexander replicou que George H. W. Bush tinha conseguido 426 votos em 1988 e perguntou, com base em suas afirmações falsas, porque os americanos deveriam confiar nele. Aparentemente imperturbável, o presidente disse apenas: “Me deram essa informação. Na verdade, vi essa informação por aí. Mas foi uma vitória muito substancial, você não concorda?” Em outras palavras: quem se importa?</p> <p>Como consequência, é tentador atribuir a ascensão da Pós-verdade à ascensão de</p>
---	---

and wrong. If this crisis of veracity could be blamed upon a single political sociopath, the problem would be containable and time-limited (no US President may serve more than two four-year terms). But Trump is more symptom than cause. He had been considering a run at the presidency for decades, and mocked accordingly. But, as he clearly intuited, in 2016 the stars suddenly aligned in his favour.

He also grasped that, *mutatis mutandis*, the decision of the British people to leave the European Union was a dress rehearsal for his own eventual victory. Days before the presidential election, he predicted that the result would be ‘Brexit plus, plus, plus’.<sup>13</sup> What he meant was that the British insurgency against the pro-EU Establishment would be matched and surpassed by the American people’s uprising against Washington’s failed elites.

The parallels were much deeper, however. Arron Banks, the businessman who bankrolled the *Leave.EU* campaign, was correct in his analysis of the referendum outcome: ‘The Remain campaign featured fact, fact, fact, fact. It just doesn’t work. You’ve got to connect

Trump. Tentador... e errado. Se a culpa dessa crise de veracidade pudesse ser jogada apenas sobre um sociopata político, o problema teria limites de alcance e tempo (nenhum presidente americano pode exercer mais de dois mandatos de quatro anos). Mas Trump é mais um sintoma do que uma causa. Ele já estava considerando sua candidatura para presidência há décadas e era ridicularizado como consequência disso. Mas como Trump claramente intuiu, em 2016, os astros de repente se alinharam a seu favor.

Ele também percebeu que, *mutatis mutandis*, a decisão dos britânicos de deixar a União Europeia foi um ensaio para sua própria vitória eventualmente. Dias antes da eleição presidencial, ele previra que o resultado seria “Brexit mais, mais, mais.”. O que ele quis dizer foi que a insurgência Britânica contra a organização pró-UE seria igualada e ultrapassada pela revolta do povo norte-americano contra as elites fracassadas de Washington.

Os paralelos eram muito mais profundos, no entanto. Arron Banks, o empresário que financiou a campanha *Leave.EU* (para sair da UE), estava certo em sua análise do resultado do referendo: “A campanha *Remain* (para ficar na UE) destacava fato, fato, fato, fato. Isso simplesmente não

with people emotionally. It's the Trump success.<sup>14</sup> Those pressing for Britain's continued EU membership bombarded the public with statistics: leaving would cost 950,000 UK jobs, the average wage would fall by £38 a week, each family would pay an average of £350 a year more on basic goods, £66 million a day invested by EU countries in the UK would be at risk, the cost of leaving would be £4,300 per household ... and so on, and so on.<sup>15</sup> It became easy to caricature this torrent of indigestible data as no more than a series of arbitrary claims.

What the Brexiteers understood was the need for simplicity and emotional resonance: a narrative that would give visceral meaning to a decision that might otherwise appear technical and abstract. As Dominic Cummings, campaign director of Vote Leave, argued at the time, the case for departure had to be clear and cleave to the specific grievances of the public. A message based upon the trade opportunities of Brexit – ‘Go Global’ – might be intellectually defensible but it would not win votes. Earlier research by Cummings on Britain's potential membership of the

funciona. Você tem que se conectar com as pessoas emocionalmente. É o sucesso de Trump.” Aqueles que pressionavam pela permanência da Grã-Bretanha na UE bombardearam o público com estatísticas: sair custaria 950 mil empregos no Reino Unido, o salário médio cairia para £38 por semana, cada família pagaria uma média de £350 a mais por ano por itens básicos, £66 milhões investidas por dia pelos países da União Europeia no Reino Unido estariam em risco, o custo de deixar a UE seria de £4.300 por família... E assim por diante. Ficou fácil fazer uma caricatura dessa torrente de dados indigestos como nada mais que uma série de afirmações arbitrárias.

O que os apoiadores do Brexit entenderam foi a necessidade por simplicidade e eco emocional: uma narrativa que desse um significado visceral para uma decisão que poderia, de outra maneira, parecer técnica e abstrata. Assim como Dominic Cummings, diretor da campanha *Vote Leave* [vote sair] argumentou na época, o caso para a saída tinha que ser claro e dar voz às queixas específicas do público. Uma mensagem baseada nas oportunidades de negócios do Brexit – “Go Global” [torne-se global] – poderia ser defendida intelectualmente, mas não ganharia votos. Uma pesquisa anterior

euro had revealed the potential traction of a pledge to ‘Take Back Control’.

Second, he believed that the weekly cost of EU membership – allegedly, £350 million – should be front and centre in the campaign and, crucially, identified as a dividend for the National Health Service. In other words: subsidise doctors and nurses, not Brussels bureaucrats. Third, the campaign should present the potential accession of Turkey to the EU as a clear and present danger to Britain’s control of immigration policy. ‘I was surprised at what a shock it was to IN [the Remain campaign] when we hit them with Turkey,’ Cummings later recalled in a blogged memoir.<sup>16</sup> Surprised or not, he was right that the prospect of immigration – especially from Turkey – would swing many votes and help to sweep the Leave campaign to a historic victory.

The analogies with Trump’s success are not exact but, as Banks understood, they are close enough. The speed with which the Brexiteers shifted their ground on the

de Cummings sobre a potencial participação da Grã-Bretanha no euro revelara a tração potencial de uma promessa para “Retomar o controle”.

Em segundo lugar, Cummings acreditava que o custo semanal como associado da UE – supostamente, £350 milhões – deveria ser o centro e o fronte de campanha e, de modo crucial, visto como uma quantia que deveria ir para o Serviço Nacional de Saúde. Em outras palavras: subsidiar médicos e enfermeiras, não burocratas de Bruxelas. Em terceiro lugar, a campanha deveria apresentar a entrada em potencial da Turquia na UE como um perigo claro e presente contra o controle da política de imigração da Grã-Bretanha. “Eu fiquei surpreso com o choque que foi para a *IN* (*Britain Stronger in Europe* ou Grã-Bretanha mais forte na Europa [campanha para continuar]) quando os acertamos com a Turquia,” Cummings, mais tarde, escreveu para um blog. Surpreso ou não, ele estava certo que o prospecto de imigração – especialmente da Turquia – iria mudar muitos votos e ajudar a alavancar a campanha de saída até uma vitória histórica.

As analogias com o sucesso de Trump não são exatas, mas como Banks entendeu, são parecidas o suficiente. A velocidade com a qual os apoiadores do Brexit

pledges which had won the referendum was breathtaking. On the BBC's *Newsnight*, the day after the vote, Daniel Hannan, a Conservative MEP, denied that his side had promised or insinuated that there would be a dramatic reduction in immigrant members. 'We never said there was going to be some radical decline,' he told the astonished presenter, Evan Davis. 'We want a measure of control.'<sup>17</sup>

Defending his personal position, Hannan subsequently declared: 'Chaps, look at what I said throughout the campaign: it's all on Twitter, YouTube etc. I was for more control, not for minimal immigration.'<sup>18</sup> This might have been true of Hannan personally – a politician known for his integrity and intellect – but it was disingenuous to claim that the winning side – the 'We' to which Hannan referred – had not encouraged the impression that the number of migrants entering the country would fall.

On 16 June, Nigel Farage, the then leader of the UK Independence Party, unveiled a poster of a huge queue of Syrian refugees under the slogan: 'Breaking Point'.<sup>19</sup> The image was widely disowned, not least by Boris Johnson, the official Leave

mudaram suas opiniões em relação às promessas que ganharam o referendo foi impressionante. No programa *Newsnight* da BBC, no dia seguinte a votação, Daniel Hannan, um membro conservador do parlamento europeu, negou que seu lado havia prometido ou insinuado que haveria uma redução dramática em membros imigrantes. "Nós nunca dissemos que haveria uma queda radical," ele disse ao apresentador abismado, Evan Davis. "Nós queremos uma medida de controle."

Defendendo sua posição pessoal, Hannan declarou em seguida: "Caros, olhem o que eu disse durante a campanha inteira: está tudo no *Twitter*, *Youtube* etc. Eu queria mais controle, não imigração mínima." Isso pode ter sido verdade em relação a Hannan – um político conhecido por sua integridade e intelecto – mas foi desonesto afirmar que o lado vencedor – que o "Nós" do qual Hannan se referia – não tinha encorajado a impressão que o número de imigrantes entrando no país iria cair.

Em 16 de junho, Nigel Farage, o então líder do Partido Independente do Reino Unido, revelou um pôster de uma fila enorme de refugiados sírios sob o slogan: "*Breaking Point*" [ponto de ruptura]. A imagem foi bastante rejeitada, até mesmo

campaign's most prominent spokesman, who declared himself 'profoundly unhappy with it'.<sup>20</sup> No doubt he was: the poster made explicit what others preferred only to insinuate.

The voters who had backed Brexit sought control *with a purpose*. In their different ways, the various Leave campaigns were content to unleash soaring expectations among those who chose to blame their misfortunes – real or imagined – upon immigrants. Thus was nurtured the pernicious notion that population mobility is a zero-sum game: that those who come to the UK are a bunch of freeloaders, depriving indigenous Britons of school places, housing, jobs and healthcare (all mythical claims, comprehensively debunked by Essex University's Neli Demireva).<sup>21</sup> Though Turkey's membership of the EU was a remote prospect at best – as the European Commission's latest annual report on its progress makes clear – it suited the Brexiteers to stoke fear of its accession and a consequent wave of Muslim migrants.<sup>22</sup>

por Boris Johnson, o representante mais importante da campanha oficial de saída, que se declarou “profundamente infeliz com a campanha”. Sem dúvidas ele estava: o pôster explicitou o que outros preferiam apenas insinuar.

Os eleitores que apoiaram o Brexit buscavam controle *com um propósito*. De diversas maneiras, as várias campanhas de saída estavam satisfeitas em desencadear expectativas crescentes entre aqueles que escolheram jogar a culpa de seus problemas – reais ou imaginários – sobre os imigrantes. Desse modo, foi alimentada a noção perniciosa que a mobilidade de populações se tornou um jogo que o ganho de um é necessariamente a perda de outro: que aqueles que vêm para o Reino Unido são um bando de aproveitadores, tirando dos britânicos nativos vagas nas escolas, moradias, empregos e saúde (afirmações míticas, desmascaradas de modo compreensível por Neli Demireva da Universidade de Essex). Apesar da entrada da Turquia na União Europeia ser um prospecto remoto, na melhor das hipóteses, – como o último relatório anual da Comissão Europeia sobre o progresso deixa claro – serviu aos apoiadores do Brexit para aumentar o medo da sua ascensão e uma conseqüente onda de imigrantes muçulmanos.

This was Post-Truth politics at its purest – the triumph of the visceral over the rational, the deceptively simple over the honestly complex. There was no way that such expectations about immigration could ever be met by a government serious about economic growth. There would always be sectors in which skilled EU migrants were required – at the time of writing, 130,000 of them work in the British health- and social care system, and more are needed. The referendum result made no difference one way or the other to the rules governing immigration from outside the EU or to Britain’s obligations under the UN Refugee Convention. The global forces driving population mobility would not be tamed by the UK’s departure from one supranational organisation.

Britain was never going to become the nativist homeland that some imagined and been encouraged to imagine: it was always going to remain a pluralist, heterogeneous nation, welcoming many thousands of newcomers a month. But voters could be forgiven for believing otherwise.

Isso foi a política da pós-verdade em seu momento mais puro – o triunfo do visceral sobre o racional, do simples capcioso sobre o complexo honesto. Não havia jeito nenhum que essas expectativas sobre imigração pudessem ser cumpridas por um governo sério em relação ao crescimento econômico. Sempre haverá setores nos quais imigrantes especializados da União Europeia serão necessários – no momento, 130 mil deles trabalham no sistema de saúde e social Britânico e mais são necessários. O resultado do referendo não fez diferença nenhuma, de um jeito ou de outro, às regras que governam imigração de fora da UE ou às obrigações da Grã-Bretanha sob a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. As forças globais determinantes para a mobilidade de populações não seriam domadas pela saída do Reino Unido de uma organização supranacional.

A Grã-Bretanha nunca se tornaria uma pátria nativista que alguns imaginavam e foram encorajadas a imaginar: sempre continuará sendo uma nação pluralista, heterogênea, que dá boas-vindas a vários milhares de imigrantes por mês. Mas os eleitores poderiam ser perdoados por acreditar o contrário.

No less spurious was the assertion – emblazoned on the side of the Leave battle bus – that Brexit would yield a £350 million weekly top-up for the cash-strapped NHS. For a start, the pledge did not take account of the rebate received by Britain: its net contribution per week to the EU was closer to £250 million.<sup>23</sup> Having pointed out the error, the UK Statistics Authority declared itself ‘disappointed to note that there continue to be suggestions that the UK contributes £350 million to the EU each week, and that this full amount could be spent elsewhere’.<sup>24</sup> But the Leave campaign proceeded, unabashed. Cummings insists that Boris Johnson and his Leave colleague Michael Gove were ‘agreed and determined’ to spend this money on the health service. Perhaps they had convinced themselves that this magical cash transfer was going to happen: Post-Truth, as we shall see, is not the same as lying.

Other senior members of the Leave team were quite content to row back from the campaign’s topline promise. Four days after the referendum, Chris Grayling, the then Leader of the House of Commons, downgraded it to ‘an aspiration’.<sup>25</sup> Iain Duncan Smith, another prominent

Não menos falaciosa foi a afirmação – colocada na lateral do ônibus de campanha *Leave* – que o Brexit renderia £350 milhões por semana para o quebrado *NHS* (Serviço nacional de saúde do Reino Unido). Em primeiro lugar, a promessa não levou em consideração a quantia recebida pela Grã-Bretanha: a contribuição líquida semanal para a União Europeia era quase de £250 milhões. Ao apontar o erro, a Autoridade de Estatísticas do Reino Unido declarou que estava “desapontada em notar as contínuas sugestões que o Reino Unido contribui £350 milhões para a União Europeia semanalmente e que todo esse dinheiro poderia ser gasto em outro lugar”. Mas a campanha *Leave* continuou, imperturbável. Cummings insiste que Boris Johnson e Michael Gove, seu colega da campanha *Leave*, estavam “de acordo e determinados” a gastar esse dinheiro com o serviço de saúde. Talvez eles tenham se convencido que essa transferência mágica de dinheiro fosse acontecer: Pós-Verdade, como veremos, não é o mesmo que mentir.

Outros membros seniores da equipe de saída estavam bem tranquilos em se afastar da principal promessa de campanha. Quatro dias depois do referendo, Chris Grayling, o então Líder da Câmara dos Comuns, a diminuiu para “uma aspiração”. Iain Duncan Smith, outro apoiador proeminente



Brexit, also distanced himself from the hitherto unambiguous claim: ‘I never said that during the course of the election [*sic*]. The £350m was an extrapolation of the £19.1bn – that’s the total amount of money we gave across to the European Union. What we actually said was a significant amount of it would go to the NHS.’<sup>26</sup> This was not, of course, what the voters had been led to expect every time they saw the Leave battle bus on television, or read the pinned tweet of the campaign’s director, Matthew Elliott: ‘Let’s give our NHS the £350 million the EU takes every week.’<sup>27</sup>

When Chuka Umunna, a senior Labour MP, tabled an amendment to the legislation triggering Britain’s exit negotiations that would have tested the impact of leaving upon the NHS, it was swept aside in the House of Commons. Cummings admits: ‘Would we have won without £350m/NHS? All our research and the close result strongly suggests No.’ But the speed with which the pledge was dumped suggests that it was never likely to be honoured. To borrow a distinction often made by Trump’s supporters, it was evidently a mistake to take the Leave campaign literally rather than seriously.

do Brexit, também se distanciou das afirmações ambíguas feitas até aquele momento: “Eu nunca disse aquilo durante o curso da eleição. Os £350 milhões foram uma extrapolação dos £19.1 bilhões – esse é a quantia total que demos para a União Europeia. O que nós dissemos, na verdade, foi que uma quantia significável disso iria para o *NHS*.” Isso não foi, claro, o que os eleitores foram levados a acreditar todas as vezes que viam o ônibus da campanha *Leave* na televisão ou liam o tuite fixo do diretor de campanha, Matthew Elliott: “Vamos dar ao nosso *NHS* os 350 milhões de libras que a UE toma toda semana.”

Quando Chuka Umunna, um membro sênior do partido trabalhista do parlamento, apresentou uma alteração à legislação desencadeando negociações que teriam testado o impacto que a saída da Grã-Bretanha da UE teria sobre o *NHS*, foi jogado de lado na Câmara dos Comuns. Cummings admite: “Teríamos ganhado sem os 350 milhões/*NHS*? Todas as nossas pesquisas e o resultado apertado sugerem fortemente que não.” Mas a velocidade com a qual a promessa foi esquecida sugere que nunca houve a probabilidade de ser honrada. Levando em consideração uma distinção feita com frequência pelos apoiadores de Trump, foi evidentemente

Against this backdrop of broken or flimsy promises, you might expect enthusiasm for Brexit to collapse as the months passed and the scales fell. Not a bit of it. According to an Opinium survey published in January 2017, 52 per cent of voters believed that Britain ‘made the right decision in deciding to leave the European Union’.<sup>28</sup> Some polls, it is true, reflected concerns about the likely content of the final deal. But, even as the Leave campaign’s promises melted away, there was little sign of buyer’s remorse. By February, support for the government’s strategy had risen to 53 per cent, and 47 per cent said they thought Prime Minister Theresa May would get the right deal for Britain (compared to only 29 per cent who believed she would fail).<sup>29</sup>

A similar pattern asserted itself in the first weeks of Trump’s presidency: though he himself remained unpopular, the measures he had taken and promised commanded general support.<sup>30</sup> Which brings us to the very heart of the Post-Truth phenomenon.

um erro entender a campanha de saída literalmente em vez de seriamente.

Diante desse cenário de promessas quebradas ou frágeis, era esperado que o entusiasmo pelo Brexit fosse colapsar com o passar dos meses e o aparecimento da verdade. Nem perto disso. De acordo com uma pesquisa de opinião publicada em janeiro de 2017, 52% dos eleitores acreditam que a Grã-Bretanha “tomou a decisão certa ao decidir sair da União Europeia.” Algumas pesquisas, é verdade, refletiram preocupações sobre o conteúdo provável do acordo final. Mas, enquanto as promessas da campanha de saída desapareciam, poucos sinais de arrependimento eram vistos. Em fevereiro, o apoio à estratégia de governo tinha subido para 53% e 47% dos apoiadores afirmaram acreditar que a primeira ministra Theresa May conseguiria o acordo certo para a Grã-Bretanha (em comparação com só 29% que acreditavam que ela falharia).

Um padrão similar foi confirmado nas primeiras semanas da Presidência de Trump: embora ele continuasse pouco popular, as medidas tomadas por ele e suas promessas trouxeram um apoio geral. O que nos leva ao núcleo do fenômeno da Pós-verdade.

### TRUTH OUT, EMOTION IN

Lying has been an integral part of politics since early humans arranged themselves in tribes. Anthropologists note the importance of deception in primitive societies, especially, but not exclusively, when dealing with outsiders.<sup>31</sup> Plato ascribed to Socrates the notion of the ‘noble lie’ – a myth that inspires social harmony and civic devotion. In Chapter XVIII of *The Prince*, Machiavelli urges the ruler to be ‘a great pretender and dissembler’.

To take the historic experience of America: its ideal of political truthfulness is itself rooted in a fiction. ‘I cannot tell a lie,’ George Washington is supposed to have said when confronted by his father over the fallen cherry tree. ‘I did cut it with my hatchet.’ But this parable was the invention of Parson Mason Locke Weems, Washington’s mythographer – who, incidentally, claimed to be the rector of a church that did not exist.<sup>32</sup>

In American culture, the bookend to the young Washington’s (confected)

### SAI A VERDADE, ENTRA A EMOÇÃO

A mentira sempre foi uma parte integral da política desde que os primeiros humanos se organizavam em tribos. Antropólogos percebem a importância do engano em sociedades primitivas, especialmente, mas não exclusivamente, ao lidar com estranhos. Platão atribuiu a Sócrates a noção da “mentira nobre” – um mito que inspira harmonia social e devoção cívica. No capítulo XVIII de *O Príncipe*, Maquiavel incita o líder a ser “um grande simulador e dissimulador”.

Levando em consideração a experiência histórica dos EUA: sua ideia de verdade política tem raízes fictícias. “Eu não posso contar uma mentira,” George Washington supostamente disse quando confrontado por seu pai sobre uma cerejeira caída. “Eu realmente a derrubei com meu machado.” Mas essa parábola foi uma invenção de Parson Mason Locke Weems, o mitógrafo de Washington - quem, além disso, reivindicou ser o reitor de uma igreja que não existe.

Na cultura americana, o suporte para a declaração (inventada) do jovem

declaration was Richard Nixon's claim in November 1973, 'I am not a crook.'<sup>33</sup> President Truman had previously described him pithily as 'a no good, lying bastard. He can lie out of both sides of his mouth at the same time, and if he ever caught himself telling the truth, he'd lie just to keep his hand in.'<sup>34</sup> Barry Goldwater, the defeated Republican candidate in the presidential contest of 1964, remembered him as 'the most dishonest individual I ever met in my life'.<sup>35</sup>

Nixon knew full well what awaited the politician who was caught lying. As he warned his aide, John Dean: 'If you are going to lie, you go to jail for the lie rather than the crime. So believe me, don't ever lie.'<sup>36</sup> But he did not anticipate the convulsion his misdeeds and falsehoods would cause the American polity. Watergate, as well as bequeathing a suffix to almost every subsequent scandal, drained a nation of faith in its political class, threatening the presidency itself, as well as bringing down an individual president.

The sunny likeability of Ronald Reagan was the escape hatch through which his party sought to exit the Nixon era once and

Washington foi a afirmação de Richard Nixon em novembro de 1973: "Eu não sou um trapaceiro. " O presidente Truman descrevera Nixon de modo conciso como "um bastardo inútil e mentiroso. Ele consegue mentir para agradar duas pessoas diferentes ao mesmo tempo e se algum dia se pegar dizendo a verdade, vai mentir só para não perder o costume." Barry Goldwater, o candidato derrotado na eleição presidencial de 1964 lembrou dele como o "indivíduo mais desonesto que eu já conheci na minha vida".

Nixon sabia muito bem o que estava reservado ao político que fosse pego mentindo. Como ele disse a seu ajudante, John Dean: "Se você mentir, você vai preso pela mentira e não pelo crime. Então, confie em mim, não minta nunca. " Mas ele não antecipou o abalo que seus delitos e farsas causariam à política americana. Watergate, – esquema de espionagem financiado por Nixon – além de deixar como legado um sufixo (gate) para quase todos escândalos subsequentes, drenou a fé da nação na classe política, ameaçando a própria presidência, além de derrubar um presidente.

O agradável e simpático Ronald Reagan foi a válvula de escape pela qual seu partido tentou sair da era Nixon de uma vez por

for all. Yet Reagan himself was no stranger to falsehood. He claimed, for instance, to have helped the filming of the concentration camps and their liberation – whereas, in fact, he had not left the US during the Second World War. Even more famous is the form in which he finally admitted the substance of the Iran–Contra scandal: ‘I told the American people I did not trade arms for hostages. My heart and my best intentions still tell me that is true, but the facts and the evidence tell me it is not.’<sup>37</sup> This gap between feeling and fact is relevant to our own era, as we shall see. Indeed, for the fortieth President there was no obvious reason to distinguish between the two. After correcting someone else’s mistaken memory of meeting him when he was a young actor, Reagan offered this revealing consolation: ‘You believed it because you wanted to believe it. There’s nothing wrong with that. *I do it all the time.*’<sup>38</sup>

Such rationalisations might assuage the presidential conscience, but they did nothing to alleviate the culture of political suspicion that had its roots in Vietnam and Watergate and reached its apotheosis in the Monica Lewinsky affair and the subsequent impeachment of Bill Clinton. Asserting

todas. Mesmo assim, Reagan não era estranho à falsidade. Ele afirmou, por exemplo, ter ajudado com as filmagens de campos de concentração e suas libertações – enquanto isso, na verdade, ele não tinha saído dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda mais famosa é a forma na qual ele finalmente admitiu a importância do escândalo Irã-contras: “Eu disse ao povo americano que não trocava armas por reféns. Meu coração e minhas melhores intenções ainda me dizem que isso é verdade, mas os fatos e as evidências me dizem que não é”. Essa lacuna entre sentimentos e fatos é relevante em nossa própria época, como veremos. É verdade, para o quadragésimo presidente não havia uma razão óbvia para uma distinção entre os dois. Depois de corrigir a lembrança errada de uma pessoa de ter o encontrado quando era um jovem ator, Reagan ofereceu essa consolação reveladora: “Você acreditava nisso porque você queria acreditar. Não tem nada de errado nisso. *Eu faço isso o tempo todo.*”

Tais racionalizações podem apaziguar a consciência presidencial, mas não ajudaram a diminuir a cultura de suspeita política que se originou em Vietnã e Watergate e que alcançou seu ápice com o caso de Bill Clinton com Monica Lewinsky e o subsequente impeachment do presidente.

with grave intensity ‘I did not have sexual relations with that woman’, Clinton forever tarnished his own record and plunged the republic into a crisis that eroded what little trust remained in its politicians and condemned the US political system to apparently inescapable polarisation.<sup>39</sup>

For centuries, and certainly since the Enlightenment, it has been an unchallenged assumption that even the most robust democracy sustains damage when its politicians lie habitually. It was precisely because Tony Blair had presented himself – and been seen by voters – as ‘a pretty straight sort of guy’ that the controversy over his Iraq War dossiers caused him so much difficulty. To this day, Blair and his communications chief, Alastair Campbell, deny that these documents – the basis for Britain’s participation in the conflict – were ‘dodgy’, ‘sexed up’ or otherwise falsified. Nonetheless, the pop-star politician of 1997 came to be perceived by many as ‘Bliar’, a corrosive force in British politics rather than the saviour of the Labour Party. ‘There is this huge stuff about trust,’<sup>40</sup> noted Campbell in a diary entry in July 2003 – an astute, if bleak, observation about the predicament that all politicians of all parties were facing.

Afirmando com uma intensidade solene “Eu não tive relações sexuais com aquela mulher,” Clinton manchou para sempre seu histórico e mergulhou a república em uma crise que corroeu o pouco que restava de confiança em seus governantes e condenou o sistema político dos EUA a uma polarização aparentemente inescapável.

Por vários séculos, e com certeza desde o Iluminismo, tem-se a suposição incontestável de que mesmo as democracias mais fortes sofrem dano quando seus políticos mentem habitualmente. Foi precisamente porque Tony Blair se apresentara – e era visto por seus eleitores – como “um tipo de cara bem direto” que a controvérsia sobre seus dossiês da Guerra do Iraque causou-lhe tantas dificuldades. Até hoje, Blair e seu chefe de comunicações, Alastair Campbell, negam que esses documentos – a base para a participação da Grã-Bretanha no conflito – foram “desonestos”, “editados” ou falsificados de alguma outra maneira. Ainda assim, muito começaram a chamar o político pop star de “Bliar” (jogo com o nome Blair e a palavra *liar*, ou mentira em inglês), uma força corrosiva na política britânica em vez do salvador do Partido Trabalhista. “Há esse negócio enorme sobre a confiança, “ notou Campbell em uma entrada de diário em julho de 2003 – uma

Yet political lies, spin and falsehood are emphatically not the same as Post-Truth. What is new is not the mendacity of politicians but the public's response to it. Outrage gives way to indifference and, finally, to collusion. Lying is regarded as the norm even in democracies – as it is in Poland, where the nationalist ruling party, Prawo i Sprawiedliwość (Law and Justice), has routinely disseminated falsehoods about homosexuals, refugees spreading disease and collaboration between communists and anti-communists.<sup>41</sup> We no longer expect our elected politicians to speak the truth: that, for now, has been written out of the job description, or at least significantly relegated on the list of required attributes.

This is familiar enough in societies scarred by past totalitarianism or present autocracy. In his excellent memoir of contemporary Russia, *Nothing Is True and Everything Is Possible*, Peter Pomerantsev describes the weariness that such assumptions breed:

And when you go check (through friends, through Reuters, through anyone who isn't [state-controlled, pro-Putin channel]

observação astuta, se não sombria, sobre a situação que todos os políticos e partidos estavam enfrentando.

Ainda assim, mentiras políticas, distorções e farsas claramente não são o mesmo que pós-verdade. O que é novo não são as mentiras dos políticos, mas a resposta do público. O ultraje deu lugar à indiferença e, finalmente, à conspiração. Mentir é visto como algo comum mesmo em democracias – assim como é na Polônia, onde o partido nacionalista no poder, *Prawo i Sprawiedliwość* (Lei e Justiça), dissemina habitualmente mentiras sobre homossexuais, doenças espalhadas por refugiados e colaboração entre comunistas e anticomunistas. Nós não esperamos mais que os nossos políticos eleitos falem a verdade: isso, por enquanto, foi retirado da descrição do trabalho ou pelo menos banido da lista de atributos necessários.

Isso é algo comum em sociedades marcadas por um passado totalitário ou um presente autocrático. Em sua excelente memória da Rússia contemporânea, *Nada é verdade e tudo é possível*, Peter Pomerantsev descreve o cansaço que essas suposições geram:

E quando você vai checar (através de amigos, através dos *Reuters*, através de qualquer um que não é [um canal

Ostankino) whether there really are fascists taking over Ukraine or whether there are children being crucified you find it's all untrue, and the women who said they saw it all are actually hired extras dressed up as 'eye-witnesses'. But even when you know the whole justification for the President's war is fabricated, even when you fathom that the reason is to create a new political technology to keep the President all-powerful and forget about the melting economy, even when you know and understand this the lies are told so often on Ostankino that after a while you find yourself nodding because it's hard to get your head around the idea that they are lying quite so much and quite so brazenly and all the time and at some level you feel that if Ostankino can lie so much and get away with it doesn't that mean that they have real power, a power to define what is true and what isn't, and wouldn't you do better just to nod anyway?<sup>42</sup>

Sheer exhaustion can strip even the vigilant citizen of his or her commitment to truth. But what takes its place? In Putin's Russia, according to Pomerantsev, it is cognitive resignation, a withdrawal from an apparently unwinnable race. What matters is not rational deliberation but settled conviction. According to Alexander Dugin, the Russian political scientist and polemicist (nicknamed 'Putin's Rasputin'), 'truth is a matter of belief ... there is no such thing as facts'. It is surely no accident that Dugin has proved so influential among the

controlado pelo estado pró Putin] Ostankino) se realmente há fascistas tomando a Ucrânia ou se há crianças sendo crucificadas, você descobre que tudo é mentira e as mulheres dizendo terem visto tudo são na verdade atrizes contratadas fantasiadas de "testemunhas". Mas mesmo ao saber que a justificativa inteira da guerra do presidente é fabricada, mesmo quando você descobre a razão: criar uma nova tecnologia política para manter o presidente todo poderoso e esquecer a economia que está derretendo, mesmo quando você sabe e entende isso, as mentiras são contadas com tanta frequência por Ostankino que depois de um tempo você se encontra acenando porque é difícil aceitar essa ideia de tantas mentiras descaradas sendo contadas o tempo todo e dentro de você parece como se Ostankino pode mentir tanto e se safar, isso não significa que eles têm poder verdadeiro, um poder para definir o que é verdade e o que não é e não é melhor só acenar de qualquer jeito?

Pura exaustão pode tirar mesmo do cidadão vigilante seu compromisso com a verdade. Mas o que entra no lugar? Na Rússia de Putin, de acordo com Pomerantsev, é a resignação cognitiva, a desistência de algo aparentemente impossível de ganhar. O que importa não é deliberação racional e sim convicção estabelecida. De acordo com Alexander Dugin, o cientista político russo e criador de polêmicas (apelidado de Rasputin do Putin), "verdade é uma questão de crença...



American ‘alt-Right’ – the loose-knit network of nationalists that stretches from the White House office of Stephen Bannon, Trump’s chief strategist, to neo-Nazis and survivalist groups.<sup>43</sup> They share with him a belief that truth is what you make of it.

In the West, it is emotional connection – always part of political decision-making – that threatens to eclipse our inherited insistence upon the truth as the main criterion in political contests. Michael Moore, the American documentary-maker and Left-wing activist, was one of the few commentators to predict the outcome of the presidential election. In his film *Michael Moore in Trumpland* he described the feelings that would drive voters to back the under-qualified Republican candidate:

They’ve lost their jobs, the banks foreclosed, next came the divorce and now the wife and kids are gone, the car’s been repo’ed. They haven’t had a vacation in years, they’re stuck with the shitty [healthcare] bronze plan where you can’t even get a fucking Percocet. They’ve essentially lost everything they have except one thing [...]: the right to vote.

não há mais uma coisa como fatos”. Com certeza não é por acaso que Dugin provou-se tão influente entre a Direita Alternativa americana – a grande rede de nacionalistas que se estende do escritório de Stephen Bannon na Casa Branca, o estrategista chefe de Trump, até neonazistas e Sobrevivencialistas. Eles compartilham com ele a crença que a verdade é o que você quiser dela.

No ocidente, é a conexão emocional – sempre parte do processo político de tomada de decisões – que ameaça eclipsar nossa insistência herdada que a verdade é o critério principal em disputas políticas. Michael Moore, cineasta norte-americano e ativista de esquerda, foi um dos poucos comentaristas a prever o resultado da eleição presidencial. Em seu filme *Michael Moore na Trumplândia*, ele descreveu os sentimentos que levariam os eleitores a apoiarem o candidato republicano pouco qualificado:

Perderam seus empregos, os bancos cobraram as dívidas, depois veio o divórcio e agora a esposa e os filhos se foram, o carro foi retomado. Não tiram férias há anos, estão presos com o plano [de saúde] bronze de merda que você não consegue nem a porra de um Paracetamol. Essencialmente, perderam tudo que têm, exceto uma coisa [...]: o direito de votar.

While the extent to which the support of the ‘left-behind’ and dispossessed accounted for Trump’s victory remains contentious, Moore was right to identify a resentful demand for change as the Republican candidate’s greatest ally. What the filmmaker grasped was that the electorate was in no mood to hear about Hillary Clinton’s qualifications for the Oval Office or, conversely, to pay much attention to those warning them of Trump’s lies, bigotry and amateurism. They wanted to send ‘the biggest “fuck you” in human history’. And, Moore continued, ‘It will feel *good* – for a day, or maybe a week. Possibly a month.’<sup>44</sup>

Trump was never a *sympathetic* candidate. The opinion polls showed that the American people were perfectly aware of his character flaws. But he communicated a brutal empathy to them, rooted not in statistics, empiricism or meticulously acquired information, but an uninhibited talent for rage, impatience and the attribution of blame. The assertion that he was ‘plain-speaking’ did not mean – as it might have in the past – ‘he is speaking the truth’. In 2016, it meant: ‘this candidate is different and might just address my anxieties and hopes.’

Enquanto a extensão que o apoio dos “deixados para trás” e desapropriados teve na vitória de Trump ainda é objeto de discussão, Moore estava certo em identificar uma demanda por mudanças cheia de ressentimentos como a maior aliada do candidato republicano. O que o cineasta entendeu foi que o eleitorado não estava com vontade de ouvir as qualificações de Hillary Clinton para o Salão Oval, ou, ao contrário, dar muita atenção àqueles os alertando sobre as mentiras, o fanatismo e o amadorismo de Trump. Eles queriam mandar “o maior “vai se foder” da história da humanidade”. E Moore continuou, “Vai ser *bom* – por um dia, ou talvez uma semana. Possivelmente um mês.”

Trump nunca foi um candidato *simpático*. As pesquisas de opinião mostraram que o povo norte-americano conhecia perfeitamente bem as suas falhas de caráter. Mas ele comunicava uma empatia brutal, enraizada não em estatísticas, empirismo, tampouco informações adquiridas de modo meticuloso e sim em um talento desinibido para a raiva, impaciência e na atribuição de culpa. A afirmação que ele era de “fala simples” não significava – como pode ter sido no passado – “que ele está falando a verdade”. Em 2016, significava: “esse

The sociologist Arlie Russell Hochschild has written of the ‘deep story’ that underpins political attitudes and social behaviour: ‘A deep story is a feels-as-if story – it’s the story feelings tell, in the language of symbols. It removes judgment. It removes fact. It tells us how things feel.’ In her travels around Louisiana’s bayou country, drawing upon many conversations, she excavated one such story that, she said, shaped the way in which those to whom she spoke saw and understood modern America.

It was grounded in an elaborate metaphor: ‘you are patiently standing in a long line leading up a hill, as in a pilgrimage. You are situated in the middle of this line, along with others who are also white, older, Christian, and predominantly male, some with college degrees, some not.’ Over the brow of the hill ‘is the American dream, the goal of everyone waiting in line’. But ‘the sun is hot and the line unmoving. In fact, is it moving backward?’ Your income is stagnant or falling. Employment is scarce where you live. And then: ‘You see people *cutting in line ahead of you!*’ In

candidato é diferente e pode lidar logo com minhas ansiedades e esperanças.”

A socióloga Arlie Russell Hochschild escreveu sobre a “narrativa profunda”, base de atitudes políticas e comportamento social: “uma narrativa profunda é uma narrativa parecida com uma história - é a história contada pelos sentimentos na linguagem dos símbolos. Remove julgamentos. Remove fatos. Nos explica como as coisas são percebidas. “ Em suas viagens pelo interior pantanoso de Louisiana, ao atrair várias conversas, ela escavou uma história que, ela disse, moldava a maneira daqueles com os quais ela falava viam e entendiam os EUA moderno.

Hochschild tinha como base uma metáfora elaborada: “você está em pé, paciente, em uma longa fila subindo uma montanha, como em uma peregrinação. Você está situado no meio dessa fila, junto com outros que também são brancos, mais velhos, cristãos e a maioria são homens, alguns com graus universitários, outros não.” Sobre o topo da montanha “está o sonho americano, o objetivo de todos na fila.” Mas “o sol está quente e a fila não anda. Na verdade, está indo para trás?” Sua renda está estagnada ou diminuindo. Emprego está escasso onde você mora. E

Hochschild's account, the men and women in the line feel that they have followed the rules, have made their country great – and yet are losing out to women, immigrants, public sector workers, refugees and other beneficiaries of taxpayer's money 'running through a liberal sympathy sieve'.<sup>45</sup>

Hochschild's research is not an apologia but a basis for interpretation. The prism of the 'deep story' – in this case, the story of the American Right in the South – is an invaluable tool in the analysis of the Post-Truth era. It explains the role played by narrative – as opposed to disaggregated data – in political and social conduct.

This role is scarcely new. For most of human history, shared mythologies and tribal stories have done more to explain human behaviour than the cool assessment of verifiable evidence. Every society has its founding legends that bind it together, shape its moral boundaries and inhabit its dreams of the future. Since the Scientific Revolution and the Enlightenment, however, these collective narratives have competed with rationality, pluralism and the priority of truth as a basis for social organisation.

então: “você vê pessoas *furando fila na sua frente!*” Na narrativa de Hochschild, os homens e as mulheres na fila sentem como se tivessem seguido as regras e fizeram seu país grande – mas, mesmo assim, estão perdendo para mulheres, imigrantes, trabalhadores do setor público, refugiados e outros beneficiários do dinheiro público “escorrendo pelo ralo de apoio liberal”.

A pesquisa de Hochschild não é uma apologia e sim uma base interpretativa. O prisma da “narrativa profunda” – nesse caso, a história da Direita Norte-Americana no Sul – é uma ferramenta inestimável para a análise da era da Pós-verdade. Explica o papel desempenhado pela narrativa – ao contrário de dados espalhados – na conduta política e social.

Esse papel não é novo. Na maior parte da história humana, mitologias compartilhadas e histórias tribais tiveram um papel mais importante para explicar o comportamento humano do que a avaliação fria de evidências verificáveis. Toda sociedade tem suas lendas fundadoras que as unem, moldam seus limites morais e habita seus sonhos de futuro. Desde a Revolução Científica e do Iluminismo, no entanto, essas narrativas coletivas têm competido com a racionalidade, o pluralismo e a

<p>What <i>is</i> new is the extent to which, in the new setting of digitalisation and global interconnectedness, emotion is reclaiming its primacy and truth is in retreat. The forces driving this retreat are the subject of the next chapter. But the resurgence of emotional narrative in recent decades – its renewed centrality – is the essential corollary.</p> <p>If the twentieth century was the age of totalitarianism and its ignominious defeat, it was also the age of therapy and its robust survival. Sigmund Freud reframed the way in which humanity is seen and – irrespective of academic vogue – introduced to the popular bloodstream a series of ideas that have proved remarkably resilient. In psychoanalysis, claims and counter-claims are assessed pathologically, in reference to personal neuroses, rather than forensically, according to traditional notions of truth and falsehood. The imperative is to treat the patient successfully, not to establish facts.</p> <p>Confined to the consulting room, this was initially an entirely private matter. But the paradigm of therapy has spread far beyond</p>	<p>prioridade da verdade como base para organização social.</p> <p>O que <i>é</i> novo é a extensão da qual, nesse novo ambiente de digitalização e conectividade global, a emoção está reivindicando sua supremacia enquanto a verdade está em recuo. As forças responsáveis por essa retirada são o assunto do próximo capítulo. Mas o ressurgimento da narrativa emocional nas décadas recentes – sua centralidade renovada – é o corolário essencial.</p> <p>Se o século XX foi a época de totalitarismo e sua derrota ignominiosa, também foi a época da terapia e sua sobrevivência robusta. Sigmund Freud reformulou como a humanidade é vista e – ao contrário da moda acadêmica – introduziu aos estudos populares uma série de ideias que se provaram notavelmente resilientes. Na psicanálise, afirmações e respostas são avaliadas de modo patológico, em referência às neuroses pessoais em vez de modo forense ou de acordo com noções tradicionais de verdade e mentira. O imperativo é tratar o paciente com sucesso, não estabelecer fatos.</p> <p>Quando confinado a uma sala de consulta, no início, isso era um assunto completamente privado. Mas o paradigma</p>
--	--

this clinical setting, to assume a dominant role in contemporary culture and mores. Long before ‘memes’ were said to go ‘viral’, popular psychology had spread around the globe and lodged itself in the demotic as a means of explaining everything.

The forms that this conquest has taken range from genuinely illuminating insights into the way we live, to rampant psychobabble that excuses everything and explains nothing. An example of the former category is the school of behavioural economics that has shed fascinating light upon the role of psychological and social impulses in economic decisions.<sup>46</sup> Closely related to this is the study of ‘emotional intelligence’ – popularised by the psychologist Daniel Goleman – and of the role played by emotional competencies such as empathy, self-awareness, and self-regulation in leadership, workplace performance and social relations.<sup>47</sup> Building upon these insights, Drew Westen and Daniel Pink have explored, respectively, the role of emotion in political behaviour and the growing importance of the right hemisphere of the brain – responsible for creativity, inventiveness and empathy – in an age of automation.<sup>48</sup>

da terapia se espalhou muito além desse ambiente clínico até assumir um papel dominante na cultura e nos costumes contemporâneos. Muito antes dos “memes viralizarem”, a psicologia popular se espalhou pelo globo e se alojou no demótico como um meio para explicar tudo.

As formas tomadas por essa conquista variam de compreensões genuinamente iluminadoras da maneira como vivemos até uma balburdia psicótica que oferece desculpa para tudo e não explica nada. Um exemplo da primeira categoria é a escola de economia comportamental que explicou de um jeito fascinante o papel dos impulsos psicológicos e sociais nas decisões econômicas. Relacionado de maneira bem próxima a isso está o estudo da “inteligência emocional” – popularizado pelo psicólogo Daniel Goleman – e do papel desempenhado pelas competências emocionais como empatia, autoconsciência e autocontrole na liderança, performance no trabalho e relações sociais. A partir dessas revelações, Drew Westen e Daniel Pink, exploram respectivamente o papel da emoção no comportamento político e a crescente importância do hemisfério direito do cérebro – responsável pela criatividade, inventividade e empatia – em uma época de automação.

As emancipating as the greater understanding of emotion and psychological impulses has undoubtedly been, it has also reset the rules of the human game in ways that are not always constructive. The legendary psychologist Bruno Bettelheim, a serial fabricator about his own past, please note, gave modernity one of its most pernicious texts in hailing ‘the need and usefulness of acting on the basis of fictions that are known to be false’.<sup>49</sup>

According to this dictum, emotional necessity trumps strict adherence to the truth. Those who quibble are no better than Thomas Gradgrind in Dickens’s *Hard Times* and his dreary demand: ‘Now, what I want is Facts. Teach these boys and girls nothing but Facts. Facts alone are wanted in life.’ No: the higher purpose of humankind is to escape literalism and to shape one’s own reality.

It is not hard to see how self-serving this axiom might become. As David Brooks notes in his book on the baby boomers – those born between the end of the Second World War and the mid-sixties – that generation is ‘relatively unmoved by lies or transgressions that don’t seem to do anyone obvious harm. They prize good intentions

Por mais emancipadora que tenha sido, sem dúvida, uma maior compreensão das emoções e dos impulsos psicológicos, tudo isso também redefiniu as regras do comportamento humano de maneiras nem sempre construtivas. O lendário psicólogo Bruno Bettelheim, um mentiroso em série sobre seu próprio passado, por favor, tome nota, deu à modernidade um dos seus textos mais perniciosos ao saudar “a necessidade e a utilidade de agir com base em ficções que são conhecidas por serem falsas.”

De acordo com essa frase, a necessidade emocional supera fidelidade estrita à verdade. Aqueles que reclamam não são melhores do que Thomas Gradgrind personagem de *Tempos Difíceis* de Charles Dickens com seu pedido melancólico: “Agora, o que eu quero são Fatos. Ensine a esses meninos nada além de fatos. Apenas fatos faltam na vida.” Não: o maior propósito da humanidade é escapar da literalidade e moldar sua própria realidade.

Não é difícil perceber quão egoísta esse axioma pode se tornar. Assim como David Brooks escreve em seu livro sobre *baby boomers* – aqueles nascidos entre o final da Segunda Guerra e metade dos anos sessenta – que a geração é “relativamente indiferente a mentiras ou transgressões que não parecem causar danos óbvios a ninguém.

and are willing to tolerate a lot from people whose hearts are in the right place.’<sup>50</sup> They embellish their military records, résumés and sexual histories.<sup>51</sup> For this cohort, emotional sincerity has always been the highest virtue – greater, in many instances, than the starchy pursuit of objective truth urged upon them by their parents.

It is not that honesty is dead: what psychologists call ‘truth bias’ remains a fundamental component of human character. But it is now perceived as one priority among many, and not necessarily the highest. Sharing your innermost feelings, shaping your life-drama, speaking from the heart: these pursuits are increasingly in open competition with traditional forensic values. As Ralph Keyes, one of the first writers to send up a warning flare about the perils of Post-Truth, puts it, many ‘have adopted a therapeutic posture in which no one is held accountable for dishonesty, or much of anything’.<sup>52</sup>

The risk is that an ever-greater proportion of judgements and decisions will be banished to the realm of feeling, that the quest for truth will become a branch of emotional psychology, without moorings or

Eles apreciam boas intenções e estão dispostos a tolerar muito de pessoas cujas corações estão no lugar certo. “ Eles enfeitam seus históricos militares, currículos e vidas sexuais. Para esse grupo, sinceridade emocional sempre foi a maior virtude – maior, em muitas instâncias, do que a busca pela verdade objetiva que seus pais lhes impuseram.

Não é que a honestidade esteja morta: o que psicólogos chamam de “viés de confirmação” continua sendo um componente fundamental do caráter humano. Mas agora, isso é visto como uma prioridade entre muitas e não necessariamente a maior. Compartilhar os seus sentimentos mais íntimos, moldar seu drama de vida, falar do fundo do coração: essas perseguições estão cada vez mais competindo com os valores forenses tradicionais. Assim como Ralph Keyes, um dos primeiros escritores a mandar um sinal de alerta sobre os perigos da Pós-verdade escreveu, muitos “adotaram uma postura terapêutica na qual ninguém é culpado por desonestidade, ou por nada.”

O risco é que uma proporção ainda maior de julgamentos e decisões vão ser banidos ao reino dos sentimentos, que a procura pela verdade vai se tornar uma ramificação da psicologia emocional, sem amarras ou



foundations. The question, then, is how the ideal of veracity became so weakened, so etiolated, that it competes so poorly with contemporary emotionalism. Whatever happened to truth?

fundações. A questão, então, é como o ideal de veracidade ficou tão enfraquecido, tão debilitado que mal consegue competir com o sentimentalismo contemporâneo. O que aconteceu com a verdade?

## ANEXO B: Tradução alinhada com o texto fonte: Capítulo 2

2	2
<p>‘YOU CAN’T HANDLE THE TRUTH!’: THE ORIGINS OF THE POST-TRUTH ERA</p>	<p>“VOCÊ NÃO SUPORTARIA A VERDADE!”: ORIGEM DA PÓS- VERDADE.</p>
<p><b>THE COLLAPSE OF TRUST</b></p>	<p><b>O COLAPSO DA CONFIANÇA</b></p>
<p>‘People in this country have had enough of experts’: the assertion was striking not only because of its audacity, but because of the person making it. Michael Gove, the then Justice Secretary, was one of the most intellectual members of David Cameron’s Cabinet, formidably articulate, cultured and erudite. Of all the senior champions of Brexit, he was the last person one would have expected to attack ‘experts’. But this was precisely what he did in a question and answer session on the EU referendum broadcast by Sky News on 3 June 2016.</p> <p>Months after the vote was won, Gove would tell the BBC’s Andrew Marr that the reports of his remark had been ‘unfair’, that it was ‘manifestly nonsense’ to suggest that all experts were wrong, and that he had been</p>	<p>“As pessoas nesse país já cansaram dos especialistas”: essa afirmação foi notável não só por conta da sua ousadia, mas sim por conta da pessoa que a fez. Michael Gove, o então Secretário de Justiça, era um dos membros mais intelectuais do gabinete de David Cameron, muito bem articulado, culto e erudito. De todos os apoiadores seniores do Brexit, ele era a última pessoa que alguém esperaria atacar “especialistas”. Mas isso foi exatamente o que fez em uma sessão de perguntas e respostas sobre o referendo da UE em uma transmissão no canal Sky News em 3 de junho de 2016.</p> <p>Meses depois da vitória, Gove diria a Andrew Marr, do canal BBC, que as reportagens sobre sua observação foram “injustas” e foi “obviamente besteira” sugerir que todos os especialistas estavam</p>

referring to ‘a sub-class of experts, particularly economists, pollsters, social scientists, who really do need to reflect on some of the mistakes that they’ve made in the same way as a politician I’ve reflected on some of the mistakes that I’ve made.’<sup>1</sup>

Entitled as he was to offer this *ex post facto* clarification, Gove’s original attack had been – as he surely knew – politically canny. It tapped into a seam of distrust that was essential to Leave’s victory; a growing suspicion that traditional sources of authority and information were unreliable, self-interested or even downright fraudulent. The Brussels elite was not the only hierarchy or institution against which Britons rose up in anger in the referendum.

This collapse of trust is the social basis of the Post-Truth era: all else flows from this single, poisonous source. To put it another way, all successful societies rely upon a relatively high degree of honesty to preserve order, uphold the law, hold the powerful to account and generate prosperity. As Francis Fukuyama observes in his book *Trust*, the social capital that accrues when citizens cooperate sincerely and scrupulously translates into economic

errados pois ele se referia apenas a “uma subclasse de especialistas, sobretudo economistas, pesquisadores, cientistas sociais que realmente precisam refletir sobre alguns dos erros cometidos por eles assim como um político. Eu refleti sobre alguns dos erros que cometi.”

Mesmo tendo o direito de oferecer essa explicação *ex post facto*, o ataque original de Gove foi – como ele bem sabia – politicamente perspicaz. Tocou em um ponto de desconfiança essencial para a vitória da campanha Leave: uma suspeita crescente que fontes tradicionais de autoridade e informações eram duvidosas, egoístas ou até mesmo abertamente fraudulentas. A elite de Bruxelas não foi a única hierarquia ou instituição da qual os Bretões se voltaram contra no referendo.

Esse colapso da confiança é a base social para a era da pós-verdade: todo o resto flui a partir dessa única fonte envenenada. Em outras palavras, todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau relativamente alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, julgar os poderosos e gerar prosperidade. Como Francis Fukuyama observa em seu livro *Confiança*, o capital social acumulado quando cidadãos cooperam com sinceridade e com escrúpulos se

<p>success and lowers the cost of litigation, regulation and contractual enforcement.<sup>2</sup></p> <p>Beyond the commercial sphere, trust is an essential human survival mechanism, the basis of co-existence that permits any human relationship, from marriage to a complex society, to work with any degree of success. In the nineties, Ted Goertzel, a sociologist at Rutgers University, conducted a telephone poll that found that those inclined to be suspicious of others were also more likely to believe conspiracy theories. A community without trust ultimately becomes no more than an atomised collection of individuals, trembling in their stockades.</p> <p>Yet that is precisely the trajectory upon which the world has been embarked in recent decades, as an unrelenting series of storms have conspired to deplete what reserves of trust remain. The financial crisis of 2008 took the global economy to the brink of meltdown, averted only by eye-wateringly huge state bailouts for the very banks that were responsible for the disastrous collapse. Occupy Wall Street was only the most visible manifestation of a</p>	<p>traduz em sucesso econômico e diminui o custo do processo judicial, da regulamentação e da execução contratual.</p> <p>Além da esfera comercial, a confiança é um mecanismo de sobrevivência humana essencial, a base da coexistência que permite qualquer relação humana, desde um casamento até uma sociedade complexa, funcionar com qualquer grau de sucesso. Nos anos noventa, Ted Goertzel, um sociólogo da Universidade de Rutgers, conduziu um levantamento por telefone e chegou à conclusão que aqueles com inclinação a suspeitarem dos outros também tinham mais tendência a acreditar em teorias da conspiração. Uma comunidade sem confiança acaba se tornando não mais do que um grupo de indivíduos atomizado, tremendo em suas prisões.</p> <p>Contudo, essa é precisamente a trajetória na qual o mundo embarcou nas décadas recentes, por conta da implacável série de tempestades conspiram para exaurir o que resta da confiança. A crise financeira de 2008 levou a economia mundial à beira do colapso, evitada apenas por enormes resgates estatais de encher os olhos de lágrimas para os mesmos bancos responsáveis por esse colapso desastroso. O movimento Ocupe Wall Street foi</p>
---	---

much broader disgust that some institutions were evidently ‘too big to fail’, while ordinary people paid the price in the subsequent recession and cuts to public services imposed by governments conscious of deficit.

Hostility to the globalised economy shifted from the fringes to the centre of political discourse. It became commonplace to question an economic system initially presented as a reliable source of rising prosperity that now seemed horribly vulnerable to the caprice of its operating elite and – perhaps worse – rigged to benefit that same tiny group while living standards stagnated or fell for the remaining 99 per cent. Statistical counter-claims in support of globalisation mostly compounded the outrage. The numbers advanced in defence of the system did not *feel* right.<sup>4</sup>

In Britain, the financial crisis was followed by the humiliation of the political class in the 2009 parliamentary expenses scandal. In a series of remarkable articles, the *Daily Telegraph* exposed the sharp practices that enabled MPs to supplement their official salary by charging the

apenas a manifestação mais visível de um desgosto muito maior que algumas instituições eram evidentemente “grandes demais para falhar”, enquanto pessoas normais pagavam o preço com a subsequente recessão e cortes de serviços públicos feitos por governos conscientes do déficit.

A hostilidade contra a economia globalizada saiu da margem do discurso político e foi para o centro. Tornou-se comum questionar um sistema econômico apresentado inicialmente como uma fonte confiável de prosperidade crescente que agora parece muito vulnerável aos caprichos da sua elite operadora e – talvez pior – manipulado para beneficiar aquele mesmo grupo minúsculo enquanto padrões de vida estagnam ou caem para aquele outro grupo que não é parte da elite. A maioria das respostas estatísticas a favor da globalização só aumentaram o ultraje. Os números mostrados defendendo o sistema não *pareciam* certos.

Na Grã-Bretanha, a crise financeira foi seguida pela humilhação da classe política no escândalo de gastos de parlamentares em 2009. Em uma série de artigos notáveis, o jornal *Daily Telegraph* expôs as práticas inteligentes que permitiram aos membros do parlamento complementar

taxpayer for everything from moat-clearing and a £1,600 duck house to a bath plug and pornographic films.

Politicians had long been objects of suspicion. But the allegations of ‘sleaze’ against the Conservatives in the nineties and the charge that the Labour government of 1997–2010 was all ‘spin’ and no substance were but a dry run for this extraordinary national spectacle – part-comedy, part-tragedy. In 1986, only 38 per cent said that they trusted governments ‘to place the needs of the nation above the interests of their own political party’. By 2014 that figure had fallen to about 18 per cent. The rot was now threatening the whole democratic process.

Meanwhile, scandals in show business – especially the monstrous sexual crimes of Jimmy Savile – have dragged the BBC and other institutions through the mire. Without hyperbole, the broadcaster’s much-admired World Affairs Editor, John Simpson, described the Savile affair as the BBC’s ‘worst crisis’ in fifty years. As became horribly clear, the late *Top of the Pops* presenter had been the beneficiary of a

seus salários ao cobrar tudo do contribuinte: desde a limpeza de fossos e uma casa de pato de £1,6 mil até um tampão para banheira e filmes pornográficos.

Políticos sempre foram objetos de suspeita. Mas as alegações de “corrupção” contra os Conservadores nos anos 1990 e a acusação de que o governo trabalhista de 1997 até 2010 era só propaganda e nenhuma ação foi apenas um ensaio para esse espetáculo nacional extraordinário – em parte comédia e em parte tragédia. Em 1986, apenas 38% das pessoas disseram confiar que governos “colocam as necessidades da nação sobre os interesses de seu próprio partido político”. Em 2014, esse número tinha caído para uma média de 18%. A podridão estava ameaçando todo o processo democrático agora.

Enquanto isso, escândalos no *show business* – especialmente os crimes sexuais monstruosos de Jimmy Savile – mancharam o nome da BBC e outras instituições. Sem exagerar, o muito admirado Editor de Assuntos Internacionais da emissora, John Simpson, descreveu o caso Savile como a “pior crise” da BBC em cinquenta anos. Como se tornou claro de um modo terrível, o

culture of institutional neglect: what James Q. Wilson in his classic book *Bureaucracy* calls the problem of ‘selective attention’. Blind eyes were turned, inquiries were token, shoulders were shrugged. Whatever anxieties BBC staff felt, most of them did not report them. Paradoxically, Savile’s access to Broadmoor secure hospital and Duncroft Approved School for Girls was seen as evidence of his charitable instinct rather than something truly ghastly. Savile was certainly protected by stardom and his notorious readiness to threaten litigation. But he also depended upon the indifference of others. Yet again, in the eyes of the public, a great institution had been found wanting.

For print journalism, the hacking controversy was no less a disaster, forcing the closure of the *News of the World*, the resignation of its former editor, Andy Coulson, as Number Ten’s director of communications, and Lord Leveson’s sweeping inquiry of 2011–12 into the conduct of the press. At the time of writing, the regulatory regime to which British publications will submit themselves is still unresolved. But much more is at stake here

finado apresentador de *Top of the Pops* se beneficiou de uma cultura de negligência institucional: James Q. Wilson, em seu livro clássico “Burocracia”, chama isso de problema da “atenção seletiva”. Fizeram vista grossa, inquéritos foram simbólicos, deram de ombros. Quaisquer que sejam as ansiedades que a equipe da BBC sentiu, a maior parte dela não as reportaram. Paradoxalmente, o acesso de Savile ao hospital psiquiátrico de segurança máxima de Broadmoor e à Escola de Duncroft para meninas foi visto como uma evidência dos seus instintos para caridade em vez de algo realmente pavoroso. Savile com certeza foi protegido pela fama e sua notória prontidão em ameaçar processos. Mas ele também dependia da indiferença dos outros. Mesmo assim, aos olhos do público, uma grande instituição foi considerada inadequada.

Para o jornalismo impresso, a controvérsia sobre *hacking* não foi menos desastrosa, forçando que o jornal *News of the World* fechasse, a renúncia do seu antigo editor chefe, Andy Coulson, como diretor de comunicações do Governo Britânico e a abrangente investigação do Juiz Leveson em 2011-12 sobre a conduta da imprensa. Até o momento de redação, o regime regulatório ao qual as publicações britânicas irão se submeter

<p>than the precise (and varying) rules to which the press will be subject.</p> <p>In 2003, the disclosure by the <i>New York Times</i> that one of its reporters, Jayson Blair, had falsified or plagiarised content in 673 articles over the course of four years forced the paper to publish a 14,000-word review of his misconduct. This was not just a lapse in editorial control and judgement. The debacle represented a mortal threat – narrowly averted – to one of the great institutions of American civic life. It is surely no accident that President Trump routinely tweets that the <i>New York Times</i> is ‘failing’: he knows which media organisations to target – the ‘halo brands’ – and which will seek to hold him truly accountable. For all the talk of the ‘dead tree press’, it was the <i>Washington Post</i> that forced the President to sack his National Security Adviser, Michael Flynn, after only twenty-four days.</p> <p>Likewise, the trauma of the British hacking scandal – compounded by the financial difficulties of printed media in the digital era – has imperilled public trust in</p>	<p>ainda está por resolver. Mas muito mais está em jogo aqui além das regras precisas (e variáveis) sob as quais a imprensa vai se sujeitará.</p> <p>Em 2003, a revelação feita pelo <i>New York Times</i> que um dos seus repórteres, Jayson Blair, falsificara ou plagiara conteúdo em 673 artigos durante quatro anos forçou o jornal a publicar uma retratação de 14 mil palavras sobre sua má conduta. Isso não foi apenas um lapso no controle editorial e julgamento. O fiasco representou uma ameaça mortal – evitada por pouco – a uma das maiores instituições da vida civil norte-americana. Com certeza não é por acaso os tuites constantes do presidente Trump sobre o <i>New York Times</i> estar “falhando”: ele sabe quais organizações da mídia atacar - as “marcas halo”, as preferidas pelos consumidores – e quais vão realmente responsabilizá-lo. Mesmo com toda a conversa sobre a mídia impressa, foi o <i>Washington Post</i> que forçou o presidente a demitir seu Conselheiro de Segurança Nacional, Michael Flynn, depois de apenas 24 da posse.</p> <p>Da mesma forma, o trauma do escândalo de <i>hacking</i> britânico – formado por dificuldades financeiras da mídia impressa na era digital – colocou em</p>
--	---



the very journalism that is needed more than ever. The task of populism is to simplify at all costs, to squeeze inconvenient facts into a preordained shape, or exclude them altogether. The task of journalism is to reveal the complexity, nuance and paradox of public life, as well as to ferret out wrongdoing and, most important of all, to water the roots of democracy with a steady supply of reliable news. Precisely when trust in the media is required most it has, according to global opinion polls, fallen to an all-time low.<sup>5</sup>

We live in an age of institutional fragility. A society's institutions act as guard rails, the bodies that incarnate its values and continuities. To shine a bright light on their failures, decadence and outright collapse is intrinsically unsettling. But that is not all. Post-Truth has flourished in this context, as the firewalls and antibodies (to mix metaphors) have weakened. When the putative guarantors of honesty falter, so does truth itself. The philosopher A. C. Grayling may well be right to identify the financial crisis as the germinal moment that led in a matter of years to the Post-Truth era.

perigo a confiança do público no mesmo jornalismo necessitando dela mais do que nunca. A tarefa do populismo é simplificação a qualquer custo, comprimir fatos inconvenientes até deixá-los com uma forma ordenada ou excluí-los completamente. A tarefa do jornalismo é revelar a complexidade, as nuances e os paradoxos da vida pública, assim como trazer à tona transgressões e, o mais importante de tudo, regar as raízes da democracia com um fluxo contínuo de notícias confiáveis. Precisamente quando a confiança na mídia é mais necessária, de acordo com pesquisas de opinião globais, essa confiança chegou no nível mais baixo de todos os tempos.

Vivemos em uma era de fragilidade institucional. As instituições de uma sociedade agem como protetoras por serem organizações que encarnam seus valores e continuidades. Iluminar suas falhas, decadência e total colapso é intrinsecamente inquietante. Mas isso não é tudo. A pós-verdade floresceu nesse contexto, enquanto os *firewalls* e anticorpos (misturando metáforas) se enfraqueciam. Quando as supostas garantias de honestidade são enfraquecidas, o mesmo ocorre com a verdade. O filósofo A. C. Grayling pode estar certo ao identificar a crise financeira

‘The world changed after 2008,’ he told the BBC in January 2017 – and so it did.<sup>6</sup>

### **THE RISE OF THE MISINFORMATION INDUSTRY**

If institutional failure has eroded the primacy of truth, so too has the multi-billion-dollar industry of misinformation, false propaganda and phony science that has arisen in recent years. Just as Post-Truth is not simply another name for lying, this industry has nothing to do with legitimate lobbying and corporate relations. Businesses, charities, campaigning bodies and public figures are perfectly entitled to seek professional representation in the maze of government and media. This is all part of the rough and tumble of policymaking, consultation and publicity, and no threat to a healthy civic structure.

Quite separate, however, is the systematic spread of falsehood by front organisations acting on behalf of vested interests that wish to suppress accurate

como o momento germinal que criou, em apenas alguns anos, a era da pós-verdade. “O mundo mudou depois de 2008,” ele disse à BBC em Janeiro de 2017 – e mudou mesmo.

### **O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DAS INFORMAÇÕES FALSAS**

Se a falha institucional corroeu a supremacia da verdade, a indústria multibilionária de informações falsas, propagandas enganosas e ciências falsas que surgiu nos últimos anos também teve seu papel. Assim como a pós-verdade não é apenas outro nome para mentira, essa indústria não tem relação com um *lobby* legítimo e relações corporativas. Negócios, caridades, organizações de campanhas e figuras públicas podem muito bem procurar representação profissional no labirinto entre o governo e a mídia. Isso é tudo parte da confusão que é fazer ações políticas, consultas e publicidade e não uma ameaça a uma estrutura cívica saudável.

Longe disso, no entanto, está a propagação sistemática de falsidades por organizações de frente agindo em nome de interesses adquiridos que querem suprimir

information or to prevent others acting upon it.<sup>7</sup> As the campaigning journalist Ari Rabin-Havt has put it: ‘These lies are part of a coordinated, strategic assault designed to hide the truth, confuse the public, and create controversy where none previously existed.’<sup>8</sup>

This assault has its distant roots in the launch of the Tobacco Industry Research Committee in 1954, a corporate-sponsored body set up in response to growing public anxiety over the connection between smoking and lung disease. What made the committee so significant was the subtlety of its objective. It sought not to win the battle outright, but to dispute the existence of a scientific consensus. It was designed to sabotage public confidence and establish a false equivalence between those scientists who detected a link between tobacco use and lung cancer and those who challenged them. The objective was not academic victory but popular confusion. As long as doubt hovered over the case against tobacco, the lucrative status quo was safe.

informações precisas ou prevenir que outros façam algo em relação a isso. Assim como o jornalista de campanha Ari Rabin-Havt colocou: “Essas mentiras são parte de uma estratégia coordenada de ataque designada para esconder a verdade, confundir o público e criar controvérsia onde anteriormente não havia nenhuma.”

Esse ataque tem suas raízes distantes no lançamento do Comitê de Pesquisa da Indústria de Tabaco em 1954, uma corporação patrocinada pela própria indústria criada em resposta à ansiedade crescente do público sobre a conexão entre o cigarro e doenças no pulmão. O que tornou o comitê tão importante foi a sutileza do seu objetivo. Ele não tentou vencer a batalha de uma vez, mas, sim contestar a existência de um consenso científico. O comitê foi designado para sabotar a confiança do público e estabelecer uma falsa equivalência entre aqueles cientistas que detectaram uma relação entre o uso de tabaco e câncer no pulmão e aqueles que diziam que não havia relação. O objetivo não era a vitória acadêmica, era a confusão popular. Enquanto existisse dúvidas sobre o caso contra tabaco, o *status quo* lucrativo estava seguro.

This provided climate change deniers with a model for their own campaigns. Marc Morano, the former Republican aide who runs the website *ClimateDepot.com*, has described gridlock as ‘the greatest friend a global warming skeptic has because that’s all you really want ... We’re the negative force. We’re just trying to stop stuff.’ Foreshadowing Gove’s attack on ‘experts’, Morano has conceded that the ideologically driven layman is often at an advantage when taking on a scholar: ‘You go up against a scientist, most of them are going to be in their own policy wonk world or area of expertise ... very arcane, very hard to understand, hard to explain, and very boorring.’<sup>9</sup>

It follows that the trick is to provide disruptive entertainment as a distraction from plodding science. The media, especially twenty-four-hour news channels, are constantly hungry for confrontation, which often creates the illusion of a contest between equally legitimate positions – what Kingsley Amis called ‘pernicious neutrality’.<sup>10</sup> A rolling dispute of this sort was certainly the objective of those behind ‘Climategate’: the disclosure in 2009 of thousands of emails and files hacked from a server at the University of East Anglia’s

Isso deu aos céticos das mudanças climáticas um modelo para as suas campanhas. Marc Morano, o antigo assessor que cuidava do site *ClimateDepot.com*, descreveu o impasse como “o melhor amigo do cético do aquecimento global porque isso é tudo que você realmente quer... Nós somos a força negativa. Estamos apenas tentando parar as coisas.” Pressagiando o ataque de Gove aos especialistas, Morano admitiu que o leigo com uma ideologia tem, com frequência, vantagem contra um acadêmico: “Você discute contra um cientista e a maior parte deles vão estar em seus próprios mundos políticos complicados ou áreas de especialidade... muito secreto, muito difícil de entender, de explicar e muito chaaato.”

Isso mostra que o truque é entregar um entretenimento divisor como uma distração da ciência maçante. A mídia, especialmente os canais de notícias vinte e quatro horas, está sempre ansiando por confrontos e isso com frequência cria uma ilusão de uma competição entre posições igualmente legítimas – o que Kingsley Amis chamou de “neutralidade perniciososa”. Uma disputa constante desse tipo foi certamente o objetivo daqueles por trás do “Climategate”: a divulgação em 2009 de milhares de e-mails e arquivos

Climate Research Unit. The brilliance of those reporting on the cache was to select phrases and sentences that appeared, collectively, to suggest an academic cover-up, and a humiliating gap between what the scientists claimed in public and what they said to one another in private.

As embarrassing as the emails undoubtedly were – revealing moments of exasperation and frustration – they did not, as was routinely claimed, undermine the science of climate change. To take an example: in one message, Dr Kevin Trenberth, an MIT scientist, wrote: ‘We cannot account for the lack of warming at the moment, and it is a travesty that we can’t.’ A clear enough admission, surely? Not so, as it transpired. The ‘travesty’ to which Trenberth was actually referring was the absence of ‘an observing system adequate to track [climate change]’. He was not in any sense retracting his scientific conclusions about global warming but regretting a shortfall in the infrastructure that he and his colleagues needed.<sup>11</sup>

hackeados de um servidor da Unidade de Pesquisa Climática da Universidade de East Anglia. O brilhantismo daqueles que reportaram o caso foi selecionar frases e sentenças que pareciam, coletivamente, sugerir um encobrimento acadêmico e uma lacuna humilhante entre o que os cientistas afirmavam em público e o que eles disseram uns aos outros em privado.

Tão vergonhoso quanto esses e-mails sem dúvida foram – momentos reveladores de exasperação e frustração – eles não, como sempre foi dito, enfraqueceram a ciência de mudanças climáticas. Aqui está um exemplo: em uma mensagem, o Dr. Kevin Trenberth, um cientista do MIT, escreveu: “Não podemos explicar a falta de aquecimento no momento e é um absurdo não poder.” Uma admissão clara, certo? Não tanto, como ficou claro. O “absurdo” do qual Trenberth estava se referindo era na verdade a falta de um “sistema de observação adequado para rastreamento [de mudanças climáticas]”. Ele não estava de maneira nenhuma falando de suas conclusões científicas sobre o aquecimento global e sim lamentando a falta na infraestrutura que ele e seus companheiros precisavam.

<p>Report after report – by Penn State University, a UK parliamentary committee, the National Oceanic and Atmospheric Administration Inspector General’s Office, fact-checking sites and an independent inquiry commissioned by UEA itself – found that the files did not undermine the scientific consensus on climate change, or impugn the academic integrity of the scientists involved.</p> <p>But the deniers’ work was already done. According to a survey by Yale University, public support for global warming science fell from 71 to 57 per cent between 2008 and 2010. A more recent UK poll, published in January 2017, suggested that 64 per cent of British adults believe that the climate is changing, ‘primarily due to human activity’. This might seem like a reasonable majority. But consider the stakes: eleven years after the UK government’s publication of the official Stern Review on the Economics of Climate Change, and nine since the Climate Change Act put emission reduction targets into law, the public is still not overwhelmingly persuaded that the very survival of humanity is at risk.</p>	<p>Vários relatórios – da Universidade de Penn State, um comitê no parlamento do Reino Unido, o escritório de inspeção geral da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional, sites que verificam a veracidade de notícias e uma investigação independente paga pela própria universidade – concluíram que os arquivos não enfraqueceram o consenso científico sobre mudanças climáticas ou mancharam a integridade acadêmica dos cientistas envolvidos.</p> <p>Mas o trabalho dos céticos já estava feito. De acordo com uma pesquisa feita pela Universidade de Yale, o suporte público pela ciência do aquecimento global caiu de 71% para 57% entre 2008 e 2010. Uma pesquisa mais recente no Reino Unido, publicada em janeiro de 2017, sugeriu que 64% dos adultos britânicos acreditam que o clima está mudando, “principalmente por conta de atividade humana”. Isso pode parecer uma maioria razoável. Mas considere o que está em jogo: onze anos depois da publicação oficial do governo do Reino Unido do Relatório Stern sobre Economia da Mudança do Clima e nove desde que a Lei de Mudanças Climáticas colocou como alvo a redução de emissão de gases na legislação, o público ainda não está esmagadoramente persuadido que a</p>
--	--

<p>Before his election, Trump tweeted that the ‘concept of global warming was created by and for the Chinese in order to make US manufacturing non-competitive’. Since taking office, he has surrounded himself with climate change sceptics. The principal objective of the deniers – to maintain the status quo – has never faced better odds.</p> <p>Their insight, shared by the opponents of healthcare reform in the US, is that evidence-based public policy can be undermined by the alignment of well-crafted propaganda and ideological predisposition. In the case of ‘Obamacare’, it was the myth of ‘death panels’ that achieved this goal. In a Facebook post in August 2009, Sarah Palin, the former Governor of Alaska, claimed that, if Obama’s affordable care proposals were enacted, bureaucratic review bodies would decide whether elderly patients or children with chronic conditions were ‘worthy of medical care’.</p> <p>This was a grotesque distortion of the bill’s proposal to offer voluntary counselling to Medicare patients on living</p>	<p>própria sobrevivência humana está em risco.</p> <p>Antes da sua eleição, Trump tuitou que o “o conceito de aquecimento global foi criado por e para os chineses com o objetivo de deixar a indústria norte-americana não competitiva”. Desde que tomou posse, ele rodeou-se por céticos do aquecimento global. O principal objetivo dos céticos – manter o <i>status quo</i> – nunca encontrou chances melhores antes.</p> <p>A visão deles, compartilhada pelos oponentes da reforma de saúde nos EUA, é que políticas públicas baseadas em evidências podem ser enfraquecidas pelo alinhamento de uma propaganda bem-feita e predisposição ideológica. No caso do “<i>Obamacare</i>”, foi o mito dos “painéis da morte” que alcançou esse objetivo. Em um post no <i>Facebook</i> em agosto de 2009, Sarah Palin, a ex-governadora do Alasca, afirmou que se as propostas de cuidados acessíveis de Obama fossem aceitas, organizações de revisão burocráticas decidiriam entre pacientes idosos ou crianças com condições crônicas “quais mereciam cuidados médicos”.</p> <p>Isso foi uma distorção grotesca da proposta do projeto de lei em oferecer conselho voluntário para pacientes no</p>
--	--

wills, end-of-life care and palliative treatment. There were no plans for ‘death panels’ and never had been. But the phrase had deep emotional and ideological resonance with those predisposed to distrust healthcare reform and to interpret it as an un-American, proto-socialist measure. A week after Palin’s post, almost 90 per cent of Americans were aware of her warning, and three out of ten said that they believed it. Once again, the lie prevailed. Even though the eventual legislation omitted the grossly misrepresented counselling clause, the number of Americans anxious about death panels had *risen* by August 2012.<sup>12</sup>

These campaigns of disinformation have paved the way for the Post-Truth era. Their purpose is invariably to sow doubt rather than to triumph outright in the court of public opinion (usually an impractical objective). As the institutions that traditionally act as social arbiters – referees on the pitch, as it were – have been progressively discredited, so well-funded pressure groups have encouraged the public to question the existence of conclusively

*Medicare* (sistema de seguro de saúde gerido pelo governo para idosos) sobre testamentos e cuidados no fim da vida e tratamento paliativo. Não havia planos para “painéis da morte” e nunca houve. Mas a frase tinha um eco emocional e ideológico profundo com aqueles predispostos a desconfiar da reforma da saúde e interpretar isso como uma medida não norte-americana, socialista. Uma semana depois da publicação de Palin, quase 90% dos americanos estavam cientes do aviso e três em cada dez disseram que acreditavam. De novo, a mentira triunfou. Apesar da eventual legislação ter omitido a cláusula sobre aconselhamento extremamente mal representada, o número de norte-americanos ansiosos sobre os painéis da morte tinha *aumentado* em agosto de 2012.

Essas campanhas de desinformação pavimentaram o caminho para a era da pós-verdade. Seu propósito é sempre semear dúvida em vez de triunfar de uma vez no juízo da opinião pública (geralmente um objetivo pouco prático). Como as instituições que tradicionalmente agem como mediadores sociais – árbitros em campo, por assim dizer – foram progressivamente desacreditadas, grupos de interesse bem financiados encorajam o



reliable truth. Accordingly, the normal practice of adversarial debate is morphing into an unhealthy relativism, in which the epistemological chase is not only better than the catch – but all that matters. The point is simply to keep the argument going, to ensure that it never reaches a conclusion.

### **WELCOME TO THE DIGITAL BAZAAR**

The rise of this treacherous industry has coincided with the wholesale metamorphosis of the media landscape and the digital revolution. In the first decade of the century, the ready availability of high-speed broadband transformed the Internet from the cheapest, fastest means of publication ever invented into something that would have a much more profound cultural, behavioural and philosophical impact.

What became known as ‘Web 2.0’ was not simply a technological phenomenon: it replaced hierarchies with ‘peer-to-peer’ recommendation, deference with collaboration, scheduled meetings with ‘smartmobs’, proprietary information with open-source software, and passive

público a questionar a existência de uma verdade conclusiva e confiável. Consequentemente, a prática comum do debate contraditório está se transformando em relativismo não saudável, no qual a busca epistemológica não só é melhor do que a descoberta – e sim tudo o que importa. A questão é simplesmente manter o argumento em andamento para garantir que ele nunca seja concluído.

### **BEM-VINDO AO BAZAR DIGITAL**

O surgimento da indústria enganosa coincidiu com a mudança indiscriminada do panorama da mídia e a revolução digital. Na primeira década do século, a disponibilidade fácil de conexão rápida transformou a internet do meio mais barato e rápido de publicação já inventado para algo com um impacto cultural, comportamental e filosófico muito mais profundo.

O que se tornou conhecido como “Web 2.0” não foi simplesmente um fenômeno tecnológico: substituiu hierarquias por recomendações “boca-a-boca”, deferência por colaboração, encontros marcados por “*flash mobs*”, informações patenteadas por programas de código aberto, e

<p>consumption of electronic media with user-generated content. It promised democratisation on an unprecedented scale.<sup>13</sup></p> <p>And, in a great many respects, it has delivered. Fashionable denigration of the digital revolution ignores the astonishing benefits it has brought to humanity in a matter of years. It is already hard to imagine a world without smartphones, Google, Facebook or YouTube, or to envisage (for instance) hospitals, schools, universities, aid agencies, charities or the service economy suddenly stripped of these tools. The connective tissue of the web is one of the greatest achievements in the history of human innovation. The only thing more remarkable than the impact of this technology is the speed with which we have come to take it for granted.</p> <p>Yet, like all transformative innovations, the web holds a mirror up to humanity. Alongside its many merits it has also enabled and enhanced the worst of mankind's instincts, acting as a university for terrorists and a haven for con men.</p> <p>Meanwhile, the same tech giants that</p>	<p>consumo passivo de mídias eletrônicas por conteúdos criados por usuários. Prometeu democratização a um nível nunca visto.</p> <p>E, em muitos aspectos, cumpriu. O desmerecimento da revolução digital ignora os benefícios fantásticos trazidos para a humanidade em apenas alguns anos. Já é difícil imaginar um mundo sem smartphones, <i>Google</i>, <i>Facebook</i> ou <i>YouTube</i> ou visualizar (por exemplo) hospitais, escolas, universidades, agências de cooperação, organizações de caridades ou serviços econômicos de repente sem essas ferramentas. O tecido colante da web é uma das maiores conquistas na história das inovações humanas. A única coisa mais extraordinária que o impacto dessa tecnologia é a velocidade com a qual nós a consideramos necessária para viver.</p> <p>Ainda assim, como todas as inovações revolucionárias, a internet mostra como a humanidade realmente é. Além de seus vários méritos, também possibilitou e acentuou os piores instintos do homem ao agir como uma universidade para terroristas e um santuário para estelionatários.</p> <p>Enquanto isso, os mesmo gigantes tecnológicos que forneceram o palco, o</p>
--	--

for this thrilling global drama have become the beneficiaries of unprecedented amounts of information about its billions of players: so-called ‘big data’. Between them, Google, Microsoft, Apple, Facebook and Amazon – the ‘Big Five’ – outstrip by a huge margin all the databanks, filing systems and libraries that have existed in human history. In every interaction, post, purchase or search, users reveal something more about themselves – information that has become the most valuable commodity in the world.

Gone, too, are the days when aggregating data was a wearisome human task. Software such as the open-source programming framework Hadoop and Google’s MapReduce are able to crunch extraordinary quantities of data for any imaginable purpose. Many of these will be benign – the early identification of epidemics, for instance, based on search patterns. But the potential use of big data to manipulate financial markets and the political process is only now becoming clear.

cenário e os acessórios para esse drama eletrizante global tornaram-se os beneficiários da quantidade sem precedentes de informações sobre seus bilhões de jogadores: a tão chamada “big-data”. Entre eles, *Google, Microsoft, Apple, Facebook* e *Amazon* – os “Cinco Grandes” – ultrapassam com uma margem enorme todos os bancos de dados, sistemas de arquivos e bibliotecas que já existiram na história humana. Em todas as interações, publicações, compras ou pesquisas, usuários revelam algo mais sobre si mesmos – informações que se tornaram a mercadoria mais valiosa do mundo.

Já se foram também os dias que agregar dados era uma tarefa humana cansativa. Programas como a plataforma de programação de código aberto *Hadoop* e o *MapReduce* do Google são capazes de mastigar quantidades extraordinárias de dados para qualquer propósito imaginável. Muitos desses propósitos serão benignos – a identificação precoce de epidemias, por exemplo, baseada em padrões de pesquisas. Mas o potencial uso da big data para manipular mercados financeiros e o processo político só agora está se tornando claro.

As Sir Tim Berners-Lee, the founder of the World Wide Web, warned in his letter to mark its twenty-eighth birthday:

The current business model for many websites offers free content in exchange for personal data. Many of us agree to this – albeit often by accepting long and confusing terms and conditions documents – but fundamentally we do not mind some information being collected in exchange for free services. But, we’re missing a trick. As our data is then held in proprietary silos, out of sight to us, we lose out on the benefits we could realise if we had direct control over this data, and chose when and with whom to share it. What’s more, we often do not have any way of feeding back to companies what data we’d rather not share – especially with third parties – the T&Cs [terms and conditions] are all or nothing.<sup>14</sup>

The language was restrained, but the point was clear. The web is at risk of becoming – may already have become – a runaway train, crashing through privacy, democratic norms and financial regulation.

This technology has also been the all-important, primary, indispensable engine of Post-Truth. In the first years of Web 2.0, it

Assim como Tim Berners-Lee, fundador da rede mundial de computadores, avisou em sua carta para marcar seu vigésimo oitavo aniversário:

O atual modelo de negócios de muitos websites oferece conteúdo de graça em troca de dados pessoais. Muitos de nós concordam com isso – embora muitas vezes aceitando documentos de termos e condições longos e confusos – mas de modo fundamental não nos importamos com algumas informações sendo coletadas em troca de serviços grátis. Mas, estamos deixando passar o truque. Como nossos dados são mantidos em locais privados, fora da nossa vista, nós perdemos os benefícios que poderíamos ter se tivéssemos controle direto sobre esses dados e escolhêssemos quando e com quem compartilha-los. Além disso, nós, com frequência, não temos nenhum jeito de responder às empresas quais dados preferiríamos não compartilhar – especialmente com terceiros - os T&Cs [termos e condições] são tudo ou nada.

A linguagem foi contida, mas o ponto foi claro. A internet está correndo o risco de se tornar – pode já ter se tornado – um trem desgovernado ignorando privacidade, normas democráticas e regulamentações financeiras.

Essa tecnologia também foi o motor mais importante, primário e indispensável da pós-verdade. Nos primeiros anos da

was optimistically assumed by many that the Internet would inevitably smooth the path to sustainable cooperation and pluralism. In practice, the new technology has done at least as much to foster online huddling and a general retreat into echo chambers. As Barack Obama put it in his farewell address in January 2017: ‘We become so secure in our bubbles that we start accepting only information, whether it’s true or not, that fits our opinions, instead of basing our opinions on the evidence that is out there.’ For all its wonders, the web tends to amplify the shrill and to dismiss complexity. For many – perhaps most – it encourages confirmation bias rather than a quest for accurate disclosure.

In his book on truth, the late philosopher Bernard Williams characterised the Internet thus:

[It] supports that mainstay of all villages, gossip. It constructs proliferating meeting places for the free and unstructured exchange of messages which bear a variety of claims, fancies and suspicions, entertaining, superstitious, scandalous, or malign. The chances that many of these messages will be true are low, and the probability that the system itself will help anyone to pick out the true ones is even lower.<sup>15</sup>

Web 2.0, assumiram de modo otimista que a internet iria inevitavelmente trilhar o caminho para cooperação e pluralismo sustentável. Na prática, a nova tecnologia ajudou também grupos fechados online e uma fuga geral para câmaras de eco. Assim como Barack Obama disse em seu discurso de despedida em janeiro de 2017: “Nos sentimos tão seguros envoltos de nossas bolhas que começamos a aceitar apenas informações, sejam falsas ou verdadeiras, similares às nossas opiniões, em vez de basear nossas opiniões nas evidências presentes.” Mesmo com todas as maravilhas, a internet tende a amplificar o penetrante e ignorar o complexo. Para muitos – talvez a maioria – isso encoraje um viés de confirmação em vez de uma busca por revelações precisas.

Em seu livro sobre verdade, o finado filósofo Bernard Williams caracterizou a internet da seguinte maneira:

[Ela] apoia aquele pilar de todas as vilas: a fofoca. Constrói múltiplos lugares de encontros para uma troca livre e não estruturada de mensagens portadoras de uma variedade de alegações, fantasiosas e suspeitas, divertidas, supersticiosas, escandalosas ou malignas. As chances de que muitas dessas mensagens sejam verdade são baixas e a probabilidade que o próprio sistema ajude alguém a identificar as verdadeiras é ainda menor.

<p>As we shall see in a later chapter, this prophecy, made in 2002, underestimated the web’s growing capacity for self-correction. But its warning of online cantonisation has been comprehensively vindicated.</p> <p>As in other respects, digital technology puts rocket boosters under existing instincts. One such is the tendency towards ‘homophilous sorting’<sup>16</sup> – our impulse to congregate with the like-minded. To an extent, this impulse has always dictated our media consumption: in the UK, right-of-centre readers have long gravitated to the <i>Daily Telegraph</i>, while the liberal-Left favours the <i>Guardian</i>. But both newspapers have also been regarded as reliable providers of well-sourced news and accurate reporting. As C. P. Scott, editor of what was then the <i>Manchester Guardian</i> from 1872 to 1929, famously declared: ‘Comment is free, but facts are sacred’.</p> <p>Still broadly respected as a core principle by the mainstream quality press, Scott’s distinction has been lost in the online miasma. Social media and search engines,</p>	<p>Como veremos em um capítulo mais tarde, essa profecia, feita em 2002, subestimou a crescente capacidade de autocorreção da Web. Mas seu aviso sobre cantonização online foi compreensivelmente justificado.</p> <p>Assim como em outros aspectos, a tecnologia digital deu um impulso ainda maior a instintos já existentes. Um exemplo é a tendência para a “divisão homofílica” – nosso impulso de nos reunir com aqueles com opiniões parecidas as nossas. Até certo ponto, esse impulso sempre ditou nosso consumo na mídia: no Reino Unido, leitores de centro-direita há muito tempo gravitam em direção ao jornal <i>Daily Telegraph</i>, enquanto a esquerda liberal favorece o jornal <i>Guardian</i>. Mas ambos são considerados como provedores confiáveis de notícias com boas fontes e relatórios precisos. Como C. P. Scott, editor do que era então o jornal <i>Manchester Guardian</i> de 1872 até 1929 notoriamente declarou: “Os comentários são livres, mas os fatos são sagrados”.</p> <p>Ainda muito respeitado como o princípio central pela imprensa tradicional de qualidade, a distinção de Scott se perdeu no miasma online. Mídia sociais e</p>
---	---

with their algorithms and hashtags, tend to drive us towards content that we will like and people who agree with us. Too often we dismiss as ‘trolls’ those who dare to dissent. The consequence is that opinions tend to be reinforced and falsehoods unchallenged. We languish in the so-called ‘filter bubble’.

Indeed, there has never been a faster or more powerful way to propagate a lie than to post it online. Russian propagandists pioneered many of the techniques of contemporary information manipulation, pouring out material through state sources, but also carefully orchestrated leaks made to resemble the work of independent cyber-punks. The impact of Russian hacking upon the 2016 American presidential election is still a matter of inquiry. But its extent is scarcely in doubt. If politics is war by other means, so too is information.<sup>17</sup>

### **FAKE NEWS**

Post-Truth sells, too. Those whom the Columbia University professor Tim Wu has called the ‘attention merchants’ compete for our time – and market it as a hugely valuable product. They will go to almost

ferramentas de pesquisa, com seus algoritmos e *hashtags*, tendem a nos mostrar conteúdos que gostaremos e pessoas que concordam conosco. Com muita frequência consideremos como “*trolls*” aqueles que ousam divergir. A consequência é que opiniões tendem a ser reforçadas e mentiras não contestadas. Definhamos na chamada “filtro-bolha”.

De fato, nunca houve um jeito mais rápido ou poderoso de propagar uma mentira do que postar online. Publicitários russos foram pioneiros em muitas das técnicas contemporâneas de manipulação de informação, despejando informação através de fontes do estado e também com vazamentos orquestrados cuidadosamente para parecerem o trabalho de um cyber-punk independente. O impacto da invasão de *hackers* da Rússia na eleição presidencial norte-americana de 2016 ainda é assunto de investigações. Mas sua extensão quase não é posta em dúvida. Se política é guerra por outros meios, informação também é.

### **FAKE NEWS**

A pós-verdade também vende. Aqueles chamados de “comerciantes de atenção” pelo professor da Universidade de Columbia, Tim Wu, competem pelo nosso tempo e o comercializam como um

any lengths to distract and engage us. They understand that William James was right: ‘My experience is what I agree to attend to.’<sup>18</sup>

It follows that there are profits to be made from the production line of clickbait hoaxes – unscientific medical claims, crackpot theories, fictional sightings of UFOs or Jesus. The disincentives to publication are (to date) marginal, and the ease of production enticing. For those on social media, anonymity dramatically reduces accountability. The buzz of the hive sends the falsehood fizzing into cyberspace to do its work. Never has the old adage that a lie can travel halfway around the world while the truth is putting on its shoes seemed so timely.

As Eric S. Raymond famously predicted, the Cathedral is yielding place to the Bazaar.<sup>19</sup> Hierarchical systems of information in which established brands – newspapers, television channels – decide what news is fit for consumption struggle to compete with the cosmic Speakers’ Corner of new media. It is a mistake to give up on the great MSM brands: the BBC, CNN, *The Times* (and its New York counterpart), the

produto extremamente valioso. Fazem quase qualquer coisa para nos distrair e nos envolver. Entendem que William James estava certo: “Minha experiência é o que eu concordo em ouvir.”

Por conseguinte, há lucros a serem ganhos a partir da linha de produção de links falsos feitos para chamar atenção – afirmações médicas não científicas, teorias malucas, avistamentos ficcionais de ÓVNIs ou Jesus. Os desincentivos à publicação são (até o momento) marginais e a facilidade de produção atraente. Para aqueles que estão nas mídias sociais, o anonimato reduz drasticamente a responsabilidade. Grupos enviam mentiras ao ciberespaço para fazerem seu trabalho. Nunca o velho ditado que uma mentira dá uma volta no mundo inteiro antes de a verdade ter oportunidade de se vestir foi tão oportuno.

Assim como Eric S. Raymond notoriamente previu, a Catedral (softwares criados por especialistas isolados) está cedendo lugar ao Bazar (compartilhamento de ideias com os softwares de código aberto). Sistemas hierárquicos de informações nos quais marcas estabelecidas – jornais, canais de televisão – decidem quais notícias servem para o consumo lutam para competir com



<p><i>Guardian</i>, the <i>Financial Times</i> and <i>The Economist</i> – to name but a handful – remain central to mainstream culture and discourse. But it is equally true that the established media face a fundamental challenge as they search for new business models that will enable them to stay true to their principles.</p> <p>In the consequent cacophony, the flow of information is increasingly dominated by peer-to-peer interaction rather than the imprimatur of the traditional press. We consume what we already like, and shy away from the unfamiliar. The ultimate generator of novelty has also become the curator of hearsay, folklore and prejudice.</p> <p>This, it should be emphasised, is not a design flaw. It is what the algorithms are meant to do: to connect us with the things we like, or might like. They are fantastically responsive to personal taste and – to date – fantastically blind to veracity. The web is the definitive vector of Post-Truth precisely because it is indifferent to falsehood, honesty and the difference between the two.</p>	<p>os vários locais de discurso espalhados da nova mídia. É um erro desistir das maiores marcas da Mídia tradicional: a BBC, a CNN, o <i>The Times</i> (também <i>New York Times</i>), o <i>Guardian</i>, o <i>Financial Times</i> e o <i>The Economist</i> – falando só de alguns – continuam no centro da cultura e do discurso convencional. Mas também é verdade que a mídia tradicional encara um desafio fundamental em sua busca por novos modelos de negócio que lhes permitam permanecer fiéis a seus princípios.</p> <p>Com a cacofonia gerada como consequência, o fluxo de informações é cada vez mais dominado por interações de indivíduos em vez daquilo confirmado pela imprensa tradicional. Consumimos o que já gostamos e fugimos do que não é familiar. O maior gerador de novidades também se tornou o curador de boatos, mitos e preconceito.</p> <p>Isso, deve-se enfatizar, não é uma falha no projeto. Os algoritmos foram criados para fazer isso: nos conectar com coisas que gostamos ou poderíamos gostar. São incrivelmente sensíveis a gostos pessoais e – até hoje – fantasticamente cegos para a veracidade. A web é o vetor definitivo da pós-verdade precisamente por sua</p>
--	--

<p>This is why ‘fake news’ has become such an issue, especially on Facebook. Among the most-read hoax stories of 2016 were the following: the claim that Obama had banned the Pledge of Allegiance in schools; ‘Pope Francis Shocks World, Endorses Donald Trump for President, Releases Statement’; a report that Trump was ‘Offering Free One-Way Tickets to Africa &amp; Mexico for Those Who Wanna Leave America’; and ‘ISIS Leader Calls for American Muslim Voters to Support Hillary Clinton’. Automated news feeds caused hundreds of thousands to read on Facebook that Fox News had fired one of its anchors, Megyn Kelly, for being a ‘traitor’.<sup>20</sup></p> <p>As ludicrous as these stories may seem, they command belief: in December 2016, an Ipsos poll for BuzzFeed of more than 3,000 Americans found that 75 per cent of those who saw fake news headlines judged them to be accurate. On average, supporters of Hillary Clinton considered 58 per cent of familiar fake news headlines to be true, versus 86 per cent for Trump voters.<sup>21</sup> Much worse, a phony report alleging that Clinton</p>	<p>indiferença a falsidades, honestidade e a diferença entre os dois.</p> <p>É por isso que as “<i>fake news</i>” se tornaram um problema tão grande, especialmente no <i>Facebook</i>. Algumas das histórias falsas mais lidas de 2016 foram as seguintes: a afirmação que Obama banira o juramento à bandeira nas escolas; “Papa Francisco choca o mundo, apoia Donald Trump como presidente, emite declaração”; uma reportagem que Trump estava “oferecendo passagens só de ida para a África e para o México àqueles que querem sair dos EUA”; e “líder do ISIS chama os eleitores mulçumanos norte-americanos para apoiar Hillary Clinton”. <i>Feeds</i> de notícias automatizados levaram centenas de milhares a ler no <i>Facebook</i> que o canal <i>Fox News</i> demitiu uma de suas âncoras, Megyn Kelly, por ser uma “traidora”.</p> <p>Tão ridículas quanto essas histórias podem aparecer, elas têm credibilidade: em dezembro de 2016, uma pesquisa feita pela Ipsos para o site de notícias Buzzfeed com mais de 3 mil norte-americanos achou o seguinte resultado: 75% daqueles que viam manchetes de <i>fake news</i> as julgavam corretas. Em média, apoiadores da Hillary Clinton consideravam 58% das manchetes de <i>fake news</i> favoráveis como</p>
--	---

was at the heart of a paedophile conspiracy persuaded twenty-eight-year-old Edgar Maddison Welch from Salisbury, North Carolina, to ‘self-investigate’ the ludicrous claims by firing shots from an assault rifle in a Washington, DC, pizza parlour.

The restaurant, Comet Ping Pong, had been falsely associated with the story, itself comprehensively debunked before Welch’s attack. Death threats were received by the owner and staff, unwitting victims of the so-called ‘Pizzagate’ allegations.<sup>22</sup> It is worth noting that Michael Flynn, briefly Trump’s National Security Adviser, had tweeted that the stories connecting Clinton with ‘Sex crimes w/Children’ were a ‘MUST READ’. As tempting as it is to dismiss fake news as the staple diet of the fringe, it has enthusiastic consumers at the very apex of power.

All that matters is that the stories *feel* true; that they resonate. In politics, the pioneer of this doctrine was the administration of George W. Bush. As Ron Suskind reported in the *New York Times Magazine* in 2004, one of the President’s

verdadeiras, contra 86% dos eleitores de Trump. Pior ainda, um relatório falso alegando que Clinton estava no centro de uma conspiração de pedofilia persuadiu Edgar Maddison Welch, 28 anos, de Salisbury, Carolina do Norte, a investigar sozinho as afirmações ridículas disparando um fuzil de assalto em uma pizzaria em Washington, DC.

O restaurante, *Comet Ping Pong*, tinha sido falsamente associado com a história, algo completamente desmascarado antes do ataque de Welch. O dono e os funcionários receberam ameaças de morte, vítimas involuntárias das chamadas alegações “Pizzagate”. Vale a pena notar que Michael Flynn, brevemente conselheiro de Segurança Nacional de Trump, tuitou que as histórias conectando Clinton a “crimes sexuais infantis” eram uma “LEITURA OBRIGATÓRIA”. Tão tentador quanto seja dispensar as *fake news* como apenas uma dieta básica de um grupo periférico, existem consumidores entusiasmados no ápice do poder.

Tudo que importa é as histórias *parecerem* verdade, ressonantes. Na política, a pioneira dessa doutrina foi a administração de George W. Bush. Como Ron Suskind relatou na revista *New York Times Magazine* em 2004, um dos

aides – widely believed to be Karl Rove – told him that his journalistic methods were lamentably outdated:

The aide said that guys like me were ‘in what we call the reality-based community,’ which he defined as people who ‘believe that solutions emerge from your judicious study of discernible reality.’ ... ‘That’s not the way the world really works anymore,’ he continued. ‘We’re an empire now, and when we act, we create our own reality. And while you’re studying that reality – judiciously, as you will – we’ll act again, creating other new realities, which you can study too, and that’s how things will sort out. We’re history’s actors ... and you, all of you, will be left to just study what we do.’<sup>23</sup>

In other words: what reporters call reality is absolutely fungible. Those who have a platform to offer what Kellyanne Conway more recently called ‘alternative facts’ will do so. Step aside, and enjoy the ride.

As in politics, so in television. No genre has been more ironically named than

assessores do presidente – muitos acreditam ser Karl Rove – disse a ele que os métodos jornalísticos de Suskind eram lamentavelmente ultrapassados:

O assessor disse que caras como eu estavam “no que chamados de comunidades baseadas na realidade,” definido por ele como pessoas que “acreditam em soluções a partir de seus estudos criteriosos da realidade discernível. [...] O mundo não funciona mais assim,” ele continuou. “Somos um império agora e quando agimos, criamos nossa própria realidade. E enquanto você está estudando essa realidade – criteriosamente, como você queira – iremos agir de novo, criando outras realidades que você pode estudar também e é assim que as coisas vão acontecer. Somos atores da história... e você, todos vocês, serão deixados para apenas estudar o que fazemos.”

Com outras palavras: o que repórteres chamam de realidade é algo absolutamente substituível. Os detentores de uma plataforma com possibilidade de oferecer o que Kellyanne Conway mais recentemente chamou de “fatos alternativos” irão oferecê-los. Não há nada que se possa fazer além de aproveitar a viagem.

Assim como na política, também na televisão. Nenhum outro gênero tem um

<p>‘reality TV’. Far from documenting the truth of everyday life, these shows have catapulted their participants into mostly scripted (or at least well-plotted) scenarios that present a preordained narrative as authentic behaviour. Some programmes – <i>Operation Repo</i>, <i>Amish Mafia</i> – offer disclaimers explaining that the content is a dramatised re-enactment of supposedly real incidents. Others – <i>The Bachelor</i>, <i>Jersey Shore</i>, <i>Duck Dynasty</i> – have been shown to be wholly or partly staged. Yet such disclosures have done nothing to reduce audience demand for these shows. The intensity of the drama, rather than its accuracy, is what matters. For the viewers, reality and entertainment have become coterminous.</p> <p>This is the defining characteristic of the Post-Truth world. The point is not to determine the truth by a process of rational evaluation, assessment and conclusion. You choose your own reality, as if from a buffet. You also select your own falsehood, no less arbitrarily. In a classic instance of what psychologists call ‘mirroring’, Trump – notorious during the campaign for his falsehoods – began accusing his media critics of peddling ‘fake news’ themselves.</p>	<p>nome mais irônico que “reality show”. Longe de documentar a verdade da vida cotidiana, esses espetáculos colocam seus participantes em cenários quase sempre roteirizados (ou pelo menos bem planejados) que apresentam narrativas pré-ordenadas como comportamentos autênticos. Alguns programas - <i>Operation Repo</i>, <i>Amish Mafia</i> - oferecem avisos com explicações sobre o conteúdo ser uma reencenação dramatizada de incidentes supostamente reais. Outros - <i>The Bachelor</i>, <i>Jersey Shore</i>, <i>Duck Dynasty</i> – são completamente ou em sua maioria encenados, como foi mostrado mais tarde. No entanto, isso não reduziu nem um pouco a demanda do público por esses programas. A intensidade do drama, em vez de sua precisão, é o que importa. Para os telespectadores, a realidade e o entretenimento se misturaram.</p> <p>Essa é a característica definidora do mundo da pós-verdade. O ponto não é determinar a verdade por um processo de análise racional, avaliação e conclusão. Você escolhe sua própria realidade, como em um bufê. Você também seleciona sua própria falsidade, de modo não menos arbitrário. Em um exemplo clássico do que os psicólogos chamam de “espelhamento”, Trump - notório durante a campanha por suas falsidades - começou</p>
--	--

Incandescent about reports by BuzzFeed and CNN that the Russian government was in a position to blackmail him, the President-elect refused to take a question from the cable channel's reporter during a press conference at Trump Tower in New York. His reasoning was straightforward. 'Not you,' he told Jim Acosta, CNN's senior White House correspondent. 'Your organization is terrible.' Acosta asked that he 'give us a chance'. But Trump was adamant: 'I'm not going to give you a question. You are fake news.'<sup>24</sup>

As President, he has made similar accusations on a regular basis. On 10 February 2017, he tweeted in response to a *New York Times* report about his lack of contact with the Chinese President, Xi Jinping: 'The failing @nytimes does major FAKE NEWS China story saying "Mr. Xi has not spoken to Mr. Trump since Nov.14." We spoke at length yesterday!' This tweet was itself fake news. At the time of the paper's initial report, the President had indeed not spoken to Xi since November. The story was updated when the White House reported the telephone call between the two leaders. But that did not stop Trump from unleashing his furious accusation.

a acusar seus críticos na mídia de vender "*fake news*". Furioso com as reportagens feitas pelo *BuzzFeed* e pela CNN que o governo russo estava em posição de chantageá-lo, o presidente eleito se recusou a responder à pergunta do repórter do canal a cabo durante uma coletiva de imprensa na *Trump Tower*, em Nova Iorque. Seu argumento foi direto. "Você não," ele disse a Jim Acosta, o correspondente sênior da casa Branca. "Sua organização é terrível." Acosta pediu para ele: "nos dê uma chance". Mas Trump foi firme: "Eu não vou te dar uma pergunta. Vocês são *fake news*."

Como presidente, Trump faz acusações similares regularmente. Em 10 de fevereiro de 2017, ele tuitou em resposta a uma reportagem do *New York Times* sobre a sua falta de contato com o presidente chinês, Xi Jinping: "O @nytimes, um jornal falho, está criando a maior FAKE NEWS ao dizer "O Sr. Xi não falou com o Sr. Trump desde 14 de nov." Discussamos amplamente ontem!" Esse mesmo tuíte era fake news. Na época da reportagem inicial do jornal o presidente realmente não tinha falado com Xi desde novembro. A história foi atualizada quando a Casa Branca relatou a ligação entre os dois líderes. Mas isso não

<p>At his first solo press conference as President six days later, he warmed to his theme. ‘Many of our nation’s reporters and folks will not tell you the truth and will not treat the wonderful people of our country with the respect that we deserve,’ he said in his opening statement. ‘Unfortunately, much of the media in Washington, DC, along with New York, Los Angeles in particular, speaks not for the people but for the special interests and for those profiting off a very, very obviously broken system.’</p> <p>As aggressive as this was, it observed – just about – the normal rules of engagement of a president at odds with the media. The same could not be said, however, of his garbled remarks about leaks from his administration and their truth: ‘The leaks are real; you’re the one that wrote about them and reported them. The leaks are absolutely real ... The news is fake because so much of the news is fake.’ Inasmuch as this meant anything, it was that the sources of the stories were authentic – but the reports were nonetheless fake. Truly, we were through the looking-glass.<sup>25</sup></p>	<p>impediu Trump de soltar sua acusação furiosa.</p> <p>Em sua primeira coletiva de imprensa sozinho seis dias depois, Trump fez um aquecimento sobre o seu tema. “Muitos jornalistas da nossa nação não vão dizer a verdade para vocês e não vão tratar as pessoas maravilhosas do nosso país com o respeito que merecemos,” disse em sua declaração de abertura. “Infelizmente, a maior parte da mídia em Washington, DC, junto com Nova Iorque, Los Angeles principalmente, não trabalha para o povo e sim para interesses especiais e para aqueles lucrando de um sistema muito, muito corrompido.”</p> <p>Por mais agressivo que isso foi, obedeceu - quase - às regras normais de envolvimento de um presidente em desacordo com a mídia. O mesmo não pode ser dito, no entanto, de seus comentários distorcidos sobre vazamentos de sua administração e se eram verdade: “Os vazamentos são reais; você é quem escreveu sobre eles e os relatou. Os vazamentos são absolutamente reais... A notícia é falsa porque tantas notícias são falsas.” Até onde isso significava alguma coisa, era que as fontes das histórias eram autênticas - mas os relatórios, no entanto,</p>
---	---

<p>If digital technology is the hardware, Post-Truth has proven to be a mighty software. It reduces political discourse to a video game in which endless play, on multiple levels, is the sole point of the exercise. When Trump tweeted that the ‘FAKE NEWS media’ was the ‘enemy of the people’, he was not only borrowing from the traditional lexicon of autocracy. He was urging American citizens to behave like gamers, pick up their consoles and zero in on the bad guys carrying notepads. This is all about picking teams, intensity of feeling and escalating insults. It is the politics of pure spectacle.</p> <p>It cannot be emphasised enough that this is not the familiar adversarial practice of a healthy democracy. Parliamentary systems depend upon confrontation across the Despatch Box. Legal structures pit advocates against one another, or enable an inquisitorial judge to cross-examine all participants in a case. Oliver Wendell Holmes argued that ‘the best test of truth is the power of the thought to get itself accepted in the competition of the market, and that truth is the only ground upon which</p>	<p>falsos. Na verdade, estávamos olhando através do espelho.</p> <p>Se a tecnologia digital é o equipamento, a pós-verdade provou-se como um programa poderoso. Reduz discursos políticos para um vídeo game onde jogar sem parar, em vários níveis, é o único ponto do exercício. Quando Trump tuitou que “a mídia de <i>FAKE NEWS</i>” era “a inimiga do povo”, ele não estava pegando emprestado apenas o léxico tradicional da autocracia. Ele estava incitando os cidadãos norte-americanos a agirem como jogadores, a pegarem seus consoles e se concentrarem nos vilões carregando cadernetas de anotações. Isso tudo é sobre escolher lados, intensidade dos sentimentos e insultos crescentes. É a política do espetáculo puro.</p> <p>Não é possível enfatizar o suficiente que isso não é a prática adversária comum em uma democracia saudável. Sistemas parlamentares dependem de confrontos em votações. Estruturas legais colocam advogados uns contra os outros ou permitem um juiz inquisidor interrogar todos os participantes de um caso. Oliver Wendell Holmes argumentou que “o melhor teste da verdade é o poder do pensamento ser aceito em uma competição de mercado e a verdade é a</p>
--	--



<p>[men's] wishes safely can be carried out.'<sup>26</sup></p> <p>But there is a difference between a structured marketplace of ideas, and a babel of shrieking voices in which anything goes and common ground not only shrinks but is positively shirked.</p> <p>As Charlie Sykes, the conservative talk-show host and editor of <i>Right Wisconsin</i>, told <i>The Economist</i>: 'We've basically eliminated any of the referees, the gatekeepers ... There is nobody: you can't go to anybody and say: "Look, here are the facts".'<sup>27</sup> Those responsible for the numerous fact-checking sites that have arisen in recent years would doubtless protest. But, thus far, they have proven an inadequate force of resistance against the torrential outpourings of social media. When anyone with a Twitter account can claim to be a news source, it becomes infinitely harder to distinguish between fact and falsehood. Everyone and no one is an 'expert'.</p> <p>Who can monitor a limitless space? Where are the Kitemarks, the watchdogs, the editorial forces sufficient to this task? As news consumption migrates from print</p>	<p>única base sobre a qual os desejos [dos homens] podem ser realizados de modo seguro." Mas há uma diferença entre um mercado de ideias estruturadas e uma babel de vozes estridentes onde vale tudo e um consenso não apenas se desgasta, é positivamente evitado.</p> <p>Assim como Charlie Sykes, o apresentador conservador de um programa de entrevistas e editor do jornal <i>Right Wisconsin</i> disse ao <i>Economist</i>: "Nós basicamente eliminamos os árbitros, os protetores... Não há ninguém: você não pode ir até alguém e dizer: "Olha, existem os fatos"." Os responsáveis pelos numerosos sites verificadores de veracidade das notícias que surgiram nos últimos anos sem dúvida protestariam. Mas, até agora, se provaram uma força de resistência inadequada contra as explosões torrenciais das mídias sociais. Quando qualquer um com uma conta no Twitter pode afirmar ser fonte de notícias, torna-se infinitamente mais difícil distinguir entre fatos e falsidades. Todos e ninguém é um "especialista".</p> <p>Quem pode monitorar um espaço infinito? Onde estão os verificadores de qualidade, os cães de guarda, as forças editoriais competentes para essa tarefa? Enquanto o consumo de notícias migra</p>
---	---

and television to the online ether, this is no longer an academic question.

It is also, primarily, a question about *us*. As noted in the previous chapter, the clinching factor in the rise of Post-Truth has been our behaviour as citizens. By rewarding those who lie with political success, exempting them from the traditional expectations of integrity, we have seceded from the duties of citizenship. To the bellowed charge of Jack Nicholson's character in *A Few Good Men* – ‘You can't handle the truth!’ – we have no ready answer.

Surprise, pleasure, recognition and indignation are fundamental to the human experience: but they are an insufficient basis upon which to base our versions of reality. We retweet, give in to clickbait, share without due diligence. And this is often fun. But it is not without consequence, as the prankster culture of social media often suggests. We have conspired, unwittingly or otherwise, in the devaluation of truth by hibernating in the Hobbit hole of received opinion, our faces flickering from the light of countless electronic signals that reinforce what we already think we know. Fool's licence is meaningless when we are all fools.

dos jornais impressos e televisão para o éter online, isso não é mais uma questão acadêmica.

É também, principalmente, uma questão sobre nós. Conforme observado no capítulo anterior, o fator decisivo para a ascensão da pós-verdade foi o nosso comportamento como cidadãos. Ao recompensar aqueles que mentem com sucesso político, isentando-os das expectativas tradicionais de integridade, nos separamos dos deveres de cidadania. Não temos uma resposta para a acusação de Jack Nicholson no filme *Questão de Honra*: “Você não suportaria a verdade!”.

Surpresa, prazer, reconhecimento e indignação são fundamentais para a experiência humana, mas são uma base insuficiente sobre a qual basear nossas versões da realidade. Nós retuíamos, clicamos em links feitos para chamar atenção, compartilhamos sem a devida diligência. E isso com frequência é divertido. No entanto, não carece de consequências como a cultura de pegadinhas das mídias sociais costuma sugerir. Conspiramos, inconscientemente ou não, pela desvalorização da verdade ao hibernar em tocas do Hobbit da opinião recebida, nossos rostos tremeluzindo com a luz de incontáveis sinais eletrônicos

	reforçando o que achamos saber. Fingir não saber das coisas não tem sentido quando ninguém sabe.
--	--